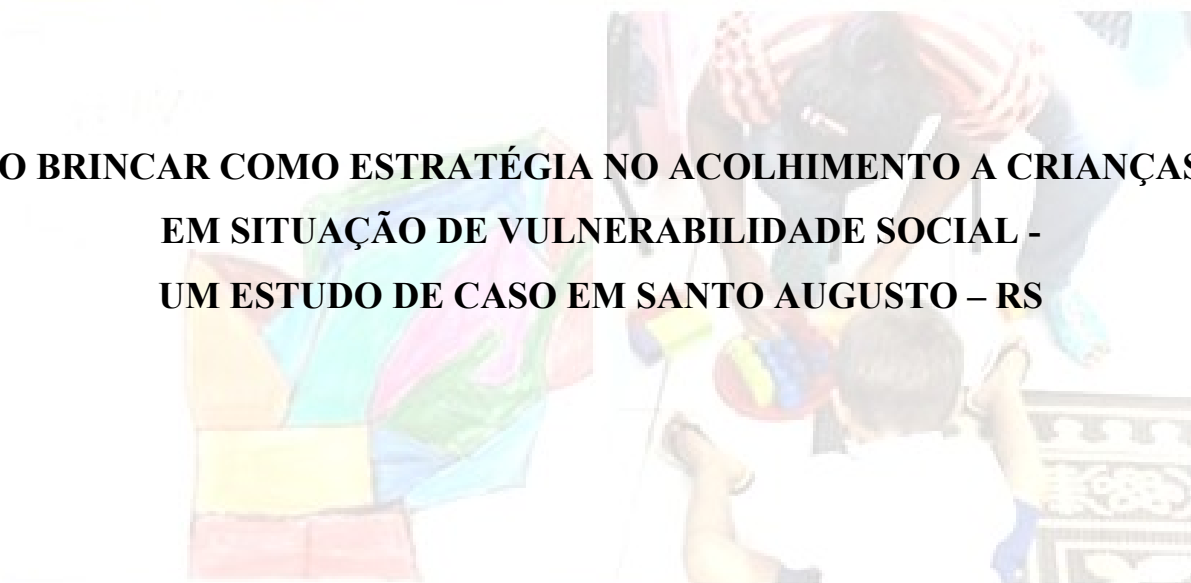


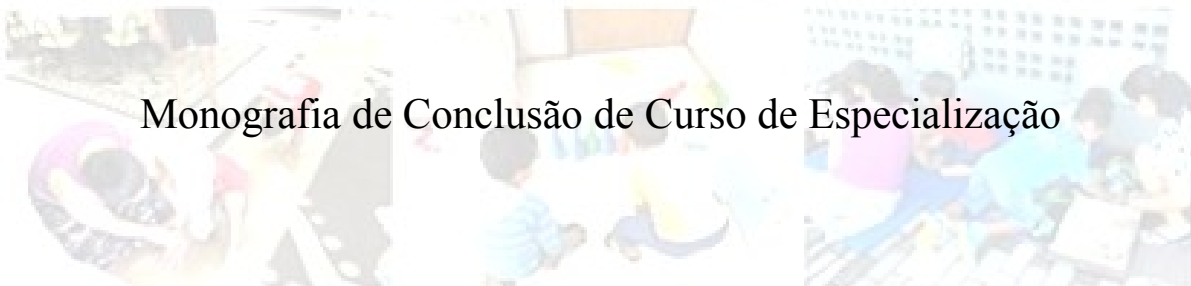
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO  
ESPECIALIZAÇÃO LATO SENSU EM DOCÊNCIA  
NA EDUCAÇÃO INFANTIL



**O BRINCAR COMO ESTRATÉGIA NO ACOLHIMENTO A CRIANÇAS  
EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL -  
UM ESTUDO DE CASO EM SANTO AUGUSTO – RS**



Monografia de Conclusão de Curso de Especialização



Denise Maria Groth

Ijuí (RS)  
2016

**O BRINCAR COMO ESTRATÉGIA NO ACOLHIMENTO A CRIANÇAS  
EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL -  
UM ESTUDO DE CASO EM SANTO AUGUSTO – RS**

**Denise Maria Groth**

Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação Especialização *Latu-Sensu* em Docência na Educação Infantil da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Especialista em Docência na Educação Infantil**

**Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Liliane Madruga Prestes**

Ijuí, RS, Brasil  
2016

**Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Educação  
Curso de Pós-Graduação Especialização *Lato-Sensu*  
Docência na Educação Infantil**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a Monografia de  
Especialização

**O BRINCAR COMO ESTRATÉGIA NO ACOLHIMENTO A  
CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL -  
UM ESTUDO DE CASO EM SANTO AUGUSTO – RS**

Elaborada por  
**Denise Maria Groth**

Como requisito parcial para obtenção do título de  
**Especialista em Docência na Educação Infantil**

**COMISSÃO EXAMINADORA:**

---

**Liliane Madruga Prestes, Dra. (UFSM)**  
(Presidente/Orientadora)

---

**Eulália Beschorner Marin**  
(UFSM)

---

**Monique Robain Montano**  
(UFSM)

Ijuí, 24 de setembro de 2016.

*Dedico este estudo a todas as famílias e crianças que vivenciam diferentes situações de vulnerabilidade social. Que o brincar invada suas vidas e que lá permaneça para sempre.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus que foi e sempre será meu alento nos momentos de turbulências. A minha família: minha mãe Louri, meu pai Jacob e a minha irmã Dinara que são meu alicerce na construção desta caminhada. Agradeço também meu noivo Renato que foi muito compreensível, amoroso e flexível em relação aos meus horários de estudo, sendo um ponto de apoio fundamental. Aos meus colegas de trabalho um agradecimento em especial por estarem sempre engajados neste luta diária que enfrentamos no CRAS, e o principal, sempre com um sorriso no rosto e na alma. Por fim e nem por isso menos importante, gostaria de agradecer minha Orientadora Prof<sup>a</sup> Dra. Liliane Prestes Madruga, que foi uma excelente profissional, apoiando-me em todos os momentos necessários, fazendo com que meu olhar se tornasse mais amplo e sensível no decorrer deste estudo.

## RESUMO

Monografia de Especialização  
Curso de Pós-Graduação Especialização *Lato-Sensu* em  
Docência na Educação Infantil  
Universidade Federal de Santa Maria

### **O BRINCAR COMO ESTRATÉGIA NO ACOLHIMENTO A CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL - UM ESTUDO DE CASO EM SANTO AUGUSTO – RS**

AUTORA: DENISE MARIA GROTH  
ORIENTADORA: LILIANE MADRUGA PRESTES  
Data e Local da Defesa: Ijuí, 24 de Setembro de 2016.

Resumo: O presente estudo visa problematizar como o brincar tem sido utilizado enquanto estratégias no acolhimento e na intervenção pedagógica com crianças e famílias em situação de vulnerabilidade no Centro de Referência em Assistência Social (CRAS) situado no município de Santo Augusto - RS. Neste sentido, cabe destacar que partindo do entendimento de que brincar é algo imprescindível e inerente no processo de constituição da criança, o CRAS possui uma brinquedoteca. Tal espaço é destinado ao desenvolvimento de atividades lúdicas e como forma de atendimento as especificidades e demandas das infâncias que buscam apoio neste espaço, incluindo o fortalecimento dos vínculos afetivos entre crianças e respectivas famílias. Para tanto, os referências teóricos utilizados decorrem dos estudos realizados no decorrer do Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, ofertado pela Universidade de Santa Maria, entre os quais citam-se os estudos sobre a sociologia da infância (tais como Manuel Sarmiento, Sônia Kramer, Clarice Cohn, entre outros) além de pesquisas que enfatizam o relevância do brincar (incluindo autores/as como Kishimoto, Winnicott, entre outros). A metodologia utilizada pautou-se no estudo de caso a partir da contextualização do bairro onde o CRAS está inserido e da realização de entrevistas semiestruturadas e observações com os sujeitos (crianças, equipe de profissionais e famílias). Os dados produzidos evidenciam a relevância da atuação do CRAS, em especial, a importância da brinquedoteca enquanto espaço de acolhimento e potencializador dos laços afetivos entre crianças e adultos possibilitando a vivência de experiências lúdicas, o resgate da autoestima, a cooperação, entre outros fatores. O estudo aponta ainda a importância de que as políticas públicas tanto no âmbito da educação quanto na assistência social pautem-se nas especificidades das crianças e infâncias e que o brincar seja priorizado na organização dos tempos e espaços.

Palavras – chave: infâncias, brincar, CRAS.

## **ABSTRACT**

Monografia de Especialização  
Curso de Pós-Graduação Especialização *Lato-Sensu* em  
Docência na Educação Infantil  
Universidade Federal de Santa Maria

### **O BRINCAR COMO ESTRATÉGIA NO ACOLHIMENTO A CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL - UM ESTUDO DE CASO EM SANTO AUGUSTO – RS**

### **THE STRATEGY AS PLAY THE RECEPTION FOR CHILDREN IN SOCIAL VULNERABILITY SITUATION - A CASE STUDY IN SANTO AUGUSTO – RS**

AUTHOR: DENISE MARIA GROTH  
GUIDANCE: LILIANE MADRUGA PRESTES  
Date and Place of defense: Ijuí, September 24, 2016.

Abstract: This study aims to discuss how the play has been used as a strategy in welcoming and educational intervention with children and families in vulnerable situations in the Reference Center for Social Assistance (CRAS) located in Santo Augusto county - RS. It is worth mentioning that starting from the understanding that play is something essential and inherent in the child's constitution process, CRAS has a toy library. This space is intended for development of recreational activities and as a way of answering the specific characteristics and demands of childhoods seeking support in this space, including strengthening emotional bonds between children and their families. Therefore, the theoretical references used stem from studies conducted in the course of Specialization in Teaching in Early Childhood Education, offered by the University of Santa Maria, among which are cited studies on the sociology of childhood (such as Manuel Sarmiento, Sonia Kramer, Clarice Cohn, among others) as well as research that emphasize the importance of play (including authors / as the Kishimoto, Winnicott, among others). The methodology used was marked in the case study from the context of the neighborhood where the CRAS is inserted and carrying out semi-structured interviews and observations with the subjects (children, professional staff and families). The data produced show the relevance of the CRAS performance, in particular the importance of the toy library while the host space and potentiator of bonding between children and adults enabling the experience of recreational experiences, the rescue of self-esteem, cooperation, among other factors. The study also shows the importance of public policies both in education and in social assistance costumer up the specifics of children and childhood, and that the play is given priority in the organization of time and space.

Key-words: childhood, play, CRAS.

## **LISTA DE SIGLAS**

CRAS - Centro de Referência de Assistência Social

PNAS - Política Nacional de Assistência Social

SUAS - Sistema Único de Assistência Social

SCFV - Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos

PAIF - Serviço de Proteção e Atendimento Integral às Famílias

SEHAS - Secretaria de Assistência Social e Cidadania

CREAS - Centro Especializado de Referência de Assistência Social

BPC – Benefício de Prestação Continuada

CNAS – Conselho Nacional de Assistência Social

LOAS – Lei Orgânica da Assistência Social

MDS – Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome

PBF – Programa Bolsa Família

PSB – Proteção Social Básica

NIS - Número de Identificação Social

DSD – Depoimento Sem Dano



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>1. MOTIVAÇÕES PARA A ESCOLHA DO TEMA DE PESQUISA.....</b>	<b>11</b>
<b>2. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES QUE EMBASAM O ESTUDO – INFÂNCIAS, EDUCAÇÃO INFANTIL E BRINCAR .....</b>	<b>14</b>
<b>3. CONTEXTUALIZANDO O ESTUDO – O BRINCAR NO ESPAÇO DA BRINQUEDOTECA DO CRAS.....</b>	<b>19</b>
<b>3.1. O que é o CRAS e como ele é organizado.....</b>	<b>19</b>
<b>3.2 A brinquedoteca no espaço do CRAS.....</b>	<b>23</b>
<b>3.3 Quem são os sujeitos que frequentam o espaço da brinquedoteca do CRAS – as crianças e suas famílias.....</b>	<b>25</b>
<b>3.3.1 A equipe.....</b>	<b>28</b>
<b>4. PERCURSOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....</b>	<b>32</b>
<b>5. O BRINCAR ENQUANTO POTENCIALIZADOR DA AFETIVIDADE ENTRE ADULTOS E CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE: UM ESTUDO DE CASO REALIZADO NA BRINQUEDOTECA DO CRAS EM SANTO AUGUSTO – RS.....</b>	<b>36</b>
<b>5.1 O contexto vivido pelas crianças e suas famílias nas suas casas e o lugar do brincar.....</b>	<b>36</b>
<b>5.2 O brincar no espaço da brinquedoteca do cras a partir da escuta e observações das crianças e suas famílias.....</b>	<b>40</b>
<b>5.3 A escuta da psicologia do CRAS.....</b>	<b>42</b>
<b>5.4 Reflexões a partir da escuta dos sujeitos o contexto pesquisado: o brincar no contexto do CRAS.....</b>	<b>44</b>
<b>6. REFLEXÕES FINAIS A PARTIR DO ESTUDO REALIZADO.....</b>	<b>47</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>49</b>

## ANEXOS

## INTRODUÇÃO

*Uns quinhentos anos antes da era cristã aconteceu, na Magna Grécia, a melhor coisa registrada na história universal: A DESCOBERTA DO DIÁLOGO. Alguns gregos contrairam, nunca saberemos como, o singular costume de conversar... Duvidaram, persuadiram, discordaram, mudaram de opinião, adiaram... Sem esses poucos gregos conversadores, a cultura ocidental é inconcebível.*  
*Jorge Luis Borges*

Início com esta citação, pois o diálogo é uma das ferramentas mais importantes dentro do CRAS, diariamente realizamos momentos de escuta e muito diálogo para a resolução de conflitos.

Esta monografia é uma pesquisa realizada no decorrer do Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil da Universidade Federal de Santa Maria, o qual tem como foco o estudo de como o brincar tem sido utilizado enquanto estratégias no acolhimento e na intervenção pedagógica com crianças e famílias em situação de vulnerabilidade no Centro de Referência em Assistência Social (CRAS) situado no município de Santo Augusto - RS. O tema em questão me inquietou, fazendo com que aprofundasse meus estudos sobre as infâncias, crianças, Educação Infantil, o CRAS e o brincar com seus elementos para acolhimento na esfera social. Além disso, também consegui refletir teoricamente sobre ações enquanto educadora no espaço da Brinquedoteca do CRAS. Autores como Manuel Sarmento, Sônia Kramer, Clarice Cohn, Kishimoto, Winnicott, entre outros, contribuíram para o embasamento teórico e reflexivo deste estudo.

O objetivo deste estudo é compreender melhor de que maneira o brincar pode potencializar o fortalecimento de vínculos entre uma criança e sua respectiva família, ambas em situação de vulnerabilidade social? Como a brinquedoteca do CRAS pode ser o espaço potencializador dessas vivências? Como o brincar é entendido pelas famílias das crianças?

Sendo assim, o estudo além de introdução e reflexões finais, encontra-se dividido em cinco capítulos. O primeiro capítulo fala sobre as motivações para a escolha do tema de pesquisa; O segundo capítulo traz conceitos de infâncias, educação infantil e brincar que embasam o estudo; O terceiro capítulo contextualiza o estudo do brincar no espaço da brinquedoteca do CRAS; O quarto capítulo aborda a metodologia da pesquisa; e o quinto capítulo os dados da pesquisa do estudo de caso do brincar enquanto potencializador da afetividade entre adultos e crianças em situação de vulnerabilidade na brinquedoteca do CRAS de Santo Augusto – RS.

## 1. MOTIVAÇÕES PARA A ESCOLHA DO TEMA DE PESQUISA

*[...] que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica, nem com balanças nem barômetros etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós.  
(Manoel de Barros)*

A fim de aprofundar os estudos acerca de tal temática desenvolvi a pesquisa no contexto no qual atuo como educadora, a saber, a Brinquedoteca “Sonho Encantado” (nome escolhido pelos usuários), a qual faz parte do SCFV - Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para crianças de até 06 anos. A brinquedoteca está localizada junto ao Centro de Referência a Assistência Social - CRAS do município de Santo Augusto e oferta um atendimento complementar ao Serviço de Proteção e Atendimento Integral às Famílias (PAIF), o qual se constitui na principal ação voltada à proteção básica. Cabe ressaltar que o funcionamento do CRAS conta com o suporte da Secretaria de Assistência Social e Cidadania (SEHAS), bem como de outras secretarias do município, especialmente as Secretarias da Saúde e da Educação, com as quais mantem um diálogo constante.

Cabe esclarecer que cada município pode e deve montar estratégias para fortalecer os vínculos afetivos entre adultos e crianças em situação de vulnerabilidade social. Neste sentido, a equipe do CRAS em questão entendeu por meio de observações, leituras e vivências, que o brincar poderia estar fortalecendo ainda mais os vínculos entre mãe / filho / comunidade. Logo, a infraestrutura conta com uma Brinquedoteca, na qual são disponibilizados tapetes, almofadas, berços, brinquedos e jogos, entre outros materiais para o desenvolvimento de brincadeiras variadas. A proposta de criação deste espaço lúdico partiu do entendimento de que o foco da atuação do CRAS é o desenvolvimento de atividades com crianças, famílias e comunidade com o intuito de fortalecer vínculos afetivos e prevenir a ocorrência de situações de exclusão social e de risco, em especial a violência doméstica e o trabalho infantil. Para tanto, buscamos subsídios teóricos em pesquisas de estudiosos sobre o tema, entre os quais, citamos Moyles (2009), a qual evidencia que,

*[...] Brincar é uma parte fundamental da aprendizagem e do desenvolvimento nos primeiros anos de vida. As crianças brincam instintivamente e, portanto, os adultos deveriam aproveitar essa inclinação “natural”. [...] É muito importante que as crianças aprendam a valorizar suas brincadeiras, o que só pode acontecer se elas forem igualmente valorizadas por aqueles que as cercam. Brincar mantém as crianças física e mentalmente ativas. (p. 19)*

Com base em tais pressupostos, o brincar tem sido proporcionado no território onde o CRAS se encontra, ou seja, as crianças brincam muito, o tempo todo. Além do espaço da Brinquedoteca, contam ainda com espaços internos e externos amplos que permitem a realização de brincadeiras diversas. Entre tais brincadeiras, incluem a subida em árvores, exploração com materiais da natureza, entre outras, ora realizadas individualmente, ora em grupos. O brincar com brinquedos sofisticados e informatizados (jogos eletrônicos, por exemplo) não é muito comum neste contexto, no entanto organizamos esses tipos de jogos no CRAS para que possam ter contato com diferentes tipos de jogos.

As crianças participam do SCFV uma vez por semana juntamente com suas mães e/ou responsáveis. O horário é flexível e definido de acordo com a disponibilidade e/ou preferência da família. O principal desafio quando ingressam no serviço é conseguir fazer com que mães e ou adultos compartilhem de momentos lúdicos com as crianças. Isto é evidenciado no decorrer das atividades, durante as quais percebemos que a relação entre as crianças e família carece de ampliação dos laços afetivos. Cabe destacar que tal situação muitas vezes reflete experiências vividas pelos adultos no decorrer de suas infâncias. Todavia, a convivência entre adultos e crianças no espaço da brinquedoteca se constitui numa das estratégias que vem sendo adotada no sentido de gradativamente promover o estreitamento dos laços afetivos e o desenvolvimento da criatividade, respeito mútuo, cooperação, entre outros.

Para o desenvolvimento das atividades temos uma equipe composta por profissionais constantemente capacitados em ações de formação continuada. Destaco que também sou parte integrante da equipe do contexto pesquisado, no qual atuo como professora desenvolvendo atividades pedagógicas na brinquedoteca em parceria com as demais colegas, a saber, uma Assistente Social e uma Psicóloga. Também contamos com o apoio de uma colega que atua como auxiliar de serviços gerais.

O fato de estar inserida neste contexto da brinquedoteca e atuando como educadora foi a principal motivação para a escolha do tema deste estudo. Articulando minha trajetória docente neste espaço com os estudos realizados no decorrer do Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil ofertado pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), me sinto cada dia mais motivada e desafiada a aprimorar o trabalho que realizo com as crianças e famílias. Logo, venho por meio desta escrita, refletir e compreender sobre questões inquietantes e que remetem a ampliar meus conhecimentos acerca da relevância do brincar na relação entre adultos e crianças em situação de vulnerabilidade. Portanto, é com um olhar sensível e uma escuta atenta que no decorrer do estudo busquei compreender melhor de que maneira o brincar pode potencializar o fortalecimento de vínculos entre uma criança e sua

respectiva família, ambas em situação de vulnerabilidade social? Como a brinquedoteca do CRAS pode ser o espaço potencializador dessas vivências? Como o brincar é entendido pelas famílias das crianças?

A seguir apresento uma breve revisão de literatura sobre as concepções de infância, criança e brincar que pautam este estudo.

## **2. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES QUE EMBASAM O ESTUDO - INFÂNCIAS, EDUCAÇÃO INFANTIL E BRINCAR**

Os estudos realizados por pesquisadores, entre os quais, cito Philippe Ariès (1973), evidenciaram a ausência de um sentimento de infância até o final do século XVII destacando que a preocupação com a criança tal como a concebemos hoje tem início a partir do século XIX. Tal entendimento também é ressaltado por Bujes (2001) que ao analisar a trajetória da educação infantil destaca que

[...] Cada época tem a sua maneira própria de conceber o que é ser criança e de caracterizar as mudanças que ocorrem ao longo da infância. Nos últimos três ou quatro séculos, a criança passou a ter uma importância como nunca havia ocorrido antes e ela começou a ser descrita, estudada, a ter o seu desenvolvimento previsto, como se ele ocorresse do mesmo jeito e a mesma sequência de forma linear e progressiva (p.17).

Na sequência dos estudos sobre as concepções de infâncias e crianças, remeto as pesquisas realizadas por Pinto & Sarmiento (1997), os quais destacam que foi a partir da década de 1990 que os estudos sobre as crianças passam a considerar o fenômeno social da infância, ultrapassando os métodos reducionistas. Logo, a partir do momento em que se percebeu a importância das experiências da primeira infância, foram criadas várias políticas e programas que visassem promover e ampliar as condições necessárias para o exercício da cidadania das crianças, que por sua vez, passaram a ocupar lugar de destaque na sociedade.

Assim sendo, a infância não é a idade não-fala: todas as crianças, desde bebês, têm múltiplas linguagens (gestuais, corporais, plásticas e verbais) porque se expressam. A infância não é a idade da não-razão: para além da racionalidade técnico-instrumental, hegemônica na sociedade industrial, outras racionalidades se constroem, designadamente nas interações entre crianças, com a incorporação de afetos, da fantasia e da vinculação ao real. A infância não é a idade do não-trabalho: todas as crianças trabalham, nas múltiplas tarefas que preenchem os seus quotidianos, na escola, no espaço doméstico e, para muitas também nos campos, nas oficinas ou na rua. A infância não vive a idade da não-infância: está aí, presente nas múltiplas dimensões que a vida das crianças (na sua heterogeneidade) continuamente preenche. (SARMENTO, 2005, p. 25).

Os estudos realizados por Kuhlmann (2010) evidenciam que no contexto atual é preciso considerar a infância como condição da criança. Neste aspecto destaca que é preciso considerar a criança enquanto sujeito histórico, o que implica compreender a infância enquanto

[...] o conjunto das experiências vividas por elas em diferentes lugares históricos, geográficos e sociais é muito mais do que uma representação dos adultos sobre esta fase da vida. É preciso conhecer as representações de infância e considerar as crianças concretas localizá-las nas relações sociais, etc., reconhece-las como produtoras da história. Desse ponto de vista, torna-se difícil afirmar que uma determinada criança teve ou não teve infância. Seria melhor perguntar como é, ou como foi, sua infância. (p.30)

No contexto brasileiro atual, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – DCNEIS (2009) partem do entendimento da criança enquanto

[...] centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que se desenvolve nas interações, relações e práticas cotidianas a ela disponibilizadas e por ela estabelecidas com adultos e crianças de diferentes idades nos grupos e contextos culturais nos quais se insere. Nessas condições ela faz amizades, brinca com água ou terra, faz-de-conta, deseja, aprende, observa, conversa, experimenta, questiona, constrói sentidos sobre o mundo e suas identidades pessoal e coletiva, produzindo cultura (BRASIL, 2009, p.6-7).

Tal entendimento preconizado nas diretrizes remete ao papel do brincar enquanto imprescindível para o desenvolvimento da autonomia da criança. A brincadeira passa a ser entendida enquanto potencializadora no processo de constituição da criança enquanto sujeito uma vez que possibilita o compartilhamento de vivências lúdicas, a expressão de angústias e sentimentos, a cooperação, entre outros. Nas palavras de Winnicott (1982),

[...] a brincadeira estabelece o elo entre a realidade interna e externa do sujeito, mantendo-o íntegro. O brincar não representa para a criança apenas uma atividade prazerosa, mas também, um momento que propicia o domínio e a expressão de suas angústias (p. 164).

Na sequência de suas análises, Winnicott (1982) aponta que a criança adquire experiência por meio de suas brincadeiras, da mesma forma que o adulto evolui por meio de seu contato com o mundo. Dessa maneira, a brincadeira infantil contribui para uma integração da personalidade e constitui uma fase de extrema importância do desenvolvimento da criança, pois fornece uma organização para a iniciação de relações emocionais e assim propicia o desenvolvimento de contatos sociais (p.163). Do mesmo modo, é essencial que incentivemos a capacidade de brincar que a criança possui.

Um brinquedo, é uma parcela do mundo real; contudo, se for oferecido da melhor maneira e na ocasião mais apropriada pela pessoa mais adequada, terá um significado para a criança que deveríamos ser capazes de compreender e aceitar. (WINNICOTT, 1982, p.77).

Ainda de acordo com o autor, o brincar permite que a criança entre em contato com a sua realidade íntima psíquica pessoal, por isso, em suas atividades, poderemos encontrar expressões de amor e agressividade.

[...] a criança aprecia concluir que os impulsos coléricos ou agressivos podem exprimir-se num meio conhecido, sem o retorno do ódio e da violência do meio para a criança. Um bom meio ambiente sentiria a criança, deveria ser capaz de tolerar os sentimentos agressivos, se estes fossem expressos de uma forma mais ou menos aceitável. Deve-se aceitar a presença da agressividade, na brincadeira da criança, e esta sente-se desonesta se o que está presente tiver de ser escondido ou negado. (WINNICOTT, 1982, p.161).

Assim, Winnicott (1982) acredita que ao manifestar seus impulsos destrutivos no brinquedo, a criança se sente confortada, pois, os sentimentos agressivos expressos não retornam do objeto para ela. Ao brincar a criança explora o mundo das pessoas, da natureza, dos objetos, criando diferentes maneiras de se expressar e diferentes formas de linguagens. A criança observa como as outras crianças brincam, interagem entre si e com os adultos ao seu redor, as regras estabelecidas, para posteriormente reproduzir e recriar as brincadeiras. Para tanto, a criança precisa que o adulto consiga percebê-la enquanto sujeito propiciando espaços nos quais tenham liberdade para escolher as brincadeiras e brinquedos e suas interações.

Os estudos elencados acima evidenciam que são a partir das brincadeiras que as crianças assumem diferentes papéis criados e imaginados por elas mesmas, internalizando situações peculiares das pessoas e situações que julgam importantes. Neste sentido, como nos traz as DCNEIS (2009) às propostas pedagógicas das Instituições de Educação Infantil devem estar organizadas enquanto espaço, tempo e materiais para assegurarem:

A educação em sua integralidade, entendendo o cuidado como algo indissociável ao processo educativo;  
 A indivisibilidade das dimensões expressivo motora, afetiva, cognitiva, linguística, ética, estética e sociocultural da criança;  
 A participação, o diálogo e a escuta cotidiano das famílias, o respeito e a valorização de suas formas de organização;  
 O estabelecimento de uma relação efetiva com a comunidade local e de mecanismos que garantam a gestão democrática e a consideração dos saberes da comunidade;  
 O reconhecimento das especificidades etárias, das singularidades individuais e coletivas das crianças, promovendo interações entre crianças de mesma idade e crianças de diferentes idades;  
 Os deslocamentos e os movimentos amplos das crianças nos espaços internos e externos às salas de referência das turmas e à instituição;  
 A acessibilidade de espaços, materiais, objetos, brinquedos e instruções para as crianças com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades/superdotação;  
 A apropriação pelas crianças das contribuições histórico-culturais dos povos indígenas, afrodescendentes, asiáticos, europeus e de outros países da América (BRASIL, 2009, p. 21 e 22).



Com base no exposto é importante que o espaço destinado ao brincar seja criativo e diversificado, onde a atividade lúdica possa ser prazerosa para a criança. Esse brincar, tão característico da infância, traz contribuições importantíssimas para a constituição da criança, influenciando no seu desenvolvimento. Em termos institucionais, a pesquisadora Cunha (2010) destaca a brinquedoteca definindo-a enquanto um lugar onde tudo convida a explorar, a sentir, a experimentar.

[...] Quando uma criança entra na brinquedoteca deve ser tocada pela expressividade da decoração, porque a alegria, o afeto e a magia devem ser palpáveis. Se a atmosfera não for encantadora não será uma brinquedoteca. Uma sala cheia de estantes com brinquedos pode ser fria, como são algumas bibliotecas. Sendo um ambiente para estimular a criatividade, deve ser preparada de forma criativa, com espaços que incentivem a brincadeira de “faz de conta”, a dramatização, a construção, a solução de problemas, a sociabilização e a vontade de inventar: um camarim com fantasias e maquiagem, os bichinhos, jogos de montar, local para os quebra-cabeças e os jogos (CUNHA, 2010, p. 36-37).

Ao focar os brinquedos nos espaços destinados a educação infantil, os estudos realizados por Kishimoto (2010) enfatizam que,

A seleção de brinquedos envolve diversos aspectos: ser durável, atraente, adequado e apropriado a diversos usos; garantir a segurança e ampliar oportunidades para o brincar; atender à diversidade racial, não induzir a preconceitos de gênero, classe social e etnia; não estimular a violência; incluir diversidade de materiais e tipos — brinquedos tecnológicos, industrializados, artesanais e produzidos pelas crianças, professoras e pais. Assim, é preciso considerar:

- TAMANHO: o brinquedo, em suas partes e no todo, precisa ser duas vezes maior e mais largo do que a mão fechada da criança (punho);
  - DURABILIDADE: o brinquedo não pode se quebrar com facilidade — vidros e garrafas plásticas são os mais perigosos;
  - CORDAS E CORDÕES: esses dispositivos podem enroscar-se no pescoço da criança;
  - BORDAS CORTANTES OU PONTAS: brinquedos com essas características devem ser eliminados;
  - NÃO TÓXICOS: brinquedos com tintas ou materiais tóxicos devem ser eliminados, pois o bebê os coloca na boca.
  - NÃO INFLAMÁVEL: é preciso assegurar-se de que o brinquedo não pega fogo;
  - LAVÁVEL FEITO COM MATERIAIS QUE PODEM SER LIMPOS: essa recomendação se aplica especialmente às bonecas e brinquedos estofados;
  - DIVERTIDO: é importante assegurar que o brinquedo seja atraente e interessante.
- (p. 02)

Portanto, a seleção e cuidado dos brinquedos disponibilizados às crianças são aspectos relevantes nos espaços educativos destinados ao público infantil. Neste interim, no âmbito da educação infantil, as DCNEIS (2009) definem que as práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira e garantir experiências que:

Promovam o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança;

Favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical;

Possibilitem às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos;

Recriem, em contextos significativos para as crianças, relações quantitativas, medidas, formas e orientações espaço temporais;

Ampliem a confiança e a participação das crianças nas atividades individuais e coletivas;

Possibilitem situações de aprendizagem mediadas para a elaboração da autonomia das crianças nas ações de cuidado pessoal, auto-organização, saúde e bem-estar;

Possibilitem vivências éticas e estéticas com outras crianças e grupos culturais, que alarguem seus padrões de referência e de identidades no diálogo e conhecimento da diversidade;

Incentivem a curiosidade, a exploração o encantamento, o questionamento, a indagação e o conhecimento das crianças em relação ao mundo físico e social, ao tempo e à natureza;

Promovam o relacionamento e a interação das crianças com diversificadas manifestações de música, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura;

Promovam a interação, o cuidado, a preservação e o conhecimento da biodiversidade e da sustentabilidade da vida na Terra, assim como o não desperdício dos recursos naturais;

Propiciem a interação e o conhecimento pelas crianças das manifestações e tradições culturais brasileiras;

Possibilitem a utilização de gravadores, projetores, computadores, máquinas fotográficas, e outros recursos tecnológicos e midiáticos. (p. 27 a 29).

Assim, a Educação Infantil está organizada em termos curriculares, dando enfoque à importância do brincar enquanto eixo norteador das propostas pedagógicas. Como brincar na concepção de Winnicott (1982), é um modo particular de viver, é preciso aprender a brincar, para viver com prazer e, por extensão, aprender com prazer.

Neste capítulo procurei abordar as diferentes concepções de infâncias, incluindo crianças em situação de vulnerabilidade como no caso daquelas que são atendidas pelo CRAS no contexto pesquisado. Logo, a partir de tais pressupostos teóricos este estudo pauta-se nas seguintes questões: Qual a função de uma brinquedoteca no espaço do CRAS de Santo Augusto? Como o brincar tem sido utilizado como estratégia de escuta das crianças neste espaço e como os adultos participam destes momentos?

Para tanto, no próximo capítulo apresentarei uma breve descrição do contexto e da metodologia que pautou este estudo.

### **3. CONTEXTUALIZANDO O ESTUDO – O BRINCAR NO ESPAÇO DA BRINQUEDOTECA DO CRAS**

#### **3.1. O que é o CRAS e como ele é organizado**

*Uma sociedade pode ser julgada pela sua atitude em relação as suas crianças pequenas, não somente no que se diz sobre elas, mas também em como essa atitude é expressada no que lhes é oferecido ao longo de seu crescimento. (GOLDSCHMIED; JACKSON, 2006, p. 13).*

Os Centros de Referência da Assistência Social (CRAS) foram instituídos a partir de 2004 pela Política Nacional de Assistência Social (PNAS) constituindo-se em unidades públicas que devem ser instaladas em territórios que apresentam índices elevados de população em situação de vulnerabilidade social, objetivando prevenir situações de risco por meio do desenvolvimento de potencialidades e aquisições, e do fortalecimento de vínculos familiares e comunitários.

O CRAS é uma unidade de proteção social básica do SUAS, que tem por objetivo prevenir a ocorrência de situações de vulnerabilidades e riscos sociais nos territórios, por meio do desenvolvimento de potencialidades e aquisições, do fortalecimento de vínculos familiares e comunitários, e da ampliação do acesso aos direitos de cidadania. Esta unidade pública do SUAS é referência para o desenvolvimento de todos os serviços socioassistenciais de proteção básica do Sistema Único de Assistência Social – SUAS, no seu território de abrangência. Estes serviços, de caráter preventivo, protetivo e proativo, podem ser ofertados diretamente no CRAS, desde que disponha de espaço físico e equipe compatível. Quando desenvolvidos no território do CRAS, por outra unidade pública ou entidade de assistência social privada sem fins lucrativos, devem ser obrigatoriamente a ele referenciados. (BRASIL, 2009, p.9)

O Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), também conhecido como a “Casa das Famílias” é a porta de entrada da assistência social. Trata-se de uma unidade pública municipal, integrante do SUAS (Sistema Único de Assistência Social), localizado em áreas com maiores índices de vulnerabilidade e risco social, destinado à prestação de serviços socioassistenciais de proteção social básica às famílias e indivíduos, e à articulação destes serviços no seu território de abrangência, e uma atuação intersetorial na perspectiva de potencializar a proteção social.

De acordo com as Orientações Técnicas do CRAS (Brasil, 2009), a oferta dos serviços no CRAS deve ser planejada e depende de um bom conhecimento do território e das famílias que nele vivem suas necessidades, potencialidades, bem como do mapeamento da ocorrência das situações de risco e de vulnerabilidade social e das ofertas já existentes.

Ao afirmar-se como unidade de acesso aos direitos socioassistenciais, o CRAS efetiva a referência e a contra referência do usuário na rede socioassistencial do SUAS:

Referência: A função de referência se materializa quando a equipe processa, no âmbito do SUAS, as demandas oriundas das situações de vulnerabilidade e risco social detectadas no território, de forma a garantir ao usuário o acesso à renda, serviços, programas e projetos, conforme a complexidade da demanda. O acesso pode se dar pela inserção do usuário em serviço ofertado no CRAS ou na rede socioassistencial a ele referenciada, ou por meio do encaminhamento do usuário ao CREAS (Centro Especializado de Referência de Assistência Social - municipal, do DF ou regional) ou para o responsável pela proteção social especial do município (onde não houver CREAS).

Contra referência: A contra referência é exercida sempre que a equipe do CRAS recebe encaminhamento do nível de maior complexidade (proteção social especial) e garante a proteção básica, inserindo o usuário em serviço, benefício, programa e/ou projeto de proteção básica. (Brasil, 2009, p.10).

O CRAS é, assim, uma unidade da rede socioassistencial de proteção social básica que se diferencia das demais, pois além da oferta de serviços e ações possui as funções exclusivas de oferta pública do trabalho social com famílias do PAIF e de gestão territorial da rede socioassistencial de proteção social básica. Todo Centro de Referência de Assistência Social - CRAS em funcionamento desenvolve, obrigatoriamente, a gestão da rede socioassistencial de proteção social básica do seu território e oferta do Programa de Atenção Integral à Família – (PAIF), independentemente da(s) fonte(s) de financiamento (se municipal, federal e/ou estadual).

As funções do CRAS não devem ser confundidas com as funções do órgão gestor da política de assistência social municipal ou do DF: os CRAS são unidades locais que têm por atribuições a organização da rede socioassistencial e oferta de serviços da proteção social básica em determinado território, enquanto o órgão gestor municipal ou do DF tem por funções a organização e gestão do SUAS em todo o município.

O Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para Crianças até 06 anos é considerado uma das principais estratégias de proteção social básica ofertado de forma complementar ao Serviço de Proteção e Atendimento Integral às Famílias (PAIF). Tem por foco o desenvolvimento de atividades com crianças, familiares e comunidade, para fortalecer vínculos e prevenir ocorrência de situações de exclusão social e de risco, em especial a violência doméstica e o trabalho infantil.

No CRAS, as crianças atendidas no espaço da brinquedoteca encontram-se em situação de vulnerabilidade ou risco social (ou seja, expostas a situações de abandono, violência, negligência, vínculos familiares fragilizados, usuários do programa Bolsa Família...entre outras situações). Crianças estas que necessitam juntamente com sua família de

um suporte maior para compreender as situações pelas quais estão passando, bem como, um local onde possam ser acolhidas de maneira carinhosa, aconchegante onde serão ouvidas e fortalecidas.

De acordo com a Orientação do SCFV para crianças até 06 anos e suas famílias (BRASIL, 2010, p.09), diversas características da condição de vida em que as pessoas se encontram podem ser indicadores das vulnerabilidades ou dos agravamentos que atingem as famílias e as crianças de até 06 anos e que podem afetar os vínculos. Como fatores de agravamento da vulnerabilidade e do risco social, estudos apontam para características individuais, familiares, sociais e do território, tais como: a pobreza, a violência doméstica e sexual, a negligência, o trabalho infantil, as deficiências e trajetórias de vidas nas ruas, entre outras, associadas às dificuldades ambientais do território. É reconhecida a complexa interação entre fatores biológicos que podem desencadear vulnerabilidades, o ambiente vivenciado e a presença/ausência de suporte social, sendo este o ponto de partida para a identificação, no território, da demanda pelo Serviço.

Ao analisar a vulnerabilidade social relacionada às famílias, os estudos realizados por Para Prati, Couto e Koller, 2009, destacam que

A vulnerabilidade social pode ser expressa no adoecimento de um ou vários membros, em situações recorrentes de uso de drogas, violência doméstica e outras condições que impeçam ou detenham o desenvolvimento saudável desse grupo. Vulnerabilidade social é uma denominação usada para caracterizar famílias expostas a fatores de risco, sejam de natureza pessoal, social ou ambiental, que coadjuvam ou incrementam a probabilidade de seus membros virem a padecer de perturbações psicológicas. (p.404)

Sendo assim, a vulnerabilidade social, pode estar em um indivíduo, em uma família ou em uma comunidade inteira. Ainda neste contexto, destaco também a ideia de Sierra e Mesquita 2006,

A definição sobre vulnerabilidade remete à ideia de fragilidade e de dependência, que se conecta a situação de crianças e adolescentes, principalmente os de menor nível socioeconômico. Devido à fragilidade e dependência dos mais velhos, esse público torna-se muito submisso ao ambiente físico e social em que se encontra. Em determinadas situações, o estado de vulnerabilidade pode afetar a saúde, mesmo na ausência de doença, mas com o abalo do estado psicológico, social ou mental das crianças e dos adolescentes (p. 55).

Abramovay, Castro, Pinheiro, Lima e Martinelli, 2002, ainda nos dizem que o conceito de vulnerabilidade social na América Latina é recente. Ele foi criado com o objetivo de ampliar a análise dos problemas sociais, ultrapassando o identificador renda ou a posse de bens materiais da população em geral. O conceito está vinculado às concepções do Estado de Bem-

Estar Social. No Brasil, as principais vulnerabilidades que acometem as crianças e os adolescentes são os riscos inerentes aos problemas relacionados ao alcoolismo e conflitos entre casais, que tornam crianças testemunha de agressões e de toda forma de violência.

Para atender as crianças em situações de vulnerabilidade, o município de Santo Augusto, situado na região noroeste do Rio Grande do Sul conta com um CRAS, o qual oferece o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) para crianças até 06 anos, o qual é desenvolvido no espaço da Brinquedoteca Sonho Encantado. Este espaço encontra-se a menos de um ano no CRAS, que agora está localizado em um dos Bairros mais vulneráveis do município, o Bairro Tiradentes. Anteriormente, localizava-se no Centro da cidade. Como no Centro não havia espaço adequado para o funcionamento da brinquedoteca junto ao CRAS, ela funcionava na Secretaria Municipal de Assistência Social e Cidadania – SEHAS.

Atualmente, a brinquedoteca encontra-se junto ao CRAS no Bairro Tiradentes, onde o trabalho desenvolvido tem como estratégia o brincar, visto que a partir dele a criança expressa suas alegrias, medos, anseios, fantasias, entre tantos outros fenômenos que identificam suas vivências em família, individual, na escola ou na comunidade. De acordo com Moyles (2002, p.22), o brincar oferece situações em que as habilidades podem ser praticadas, tanto as físicas quanto as mentais, e repetidas tantas vezes quanto for necessário para a confiança e o domínio. Além, disso, ele permite a oportunidade de explorar os próprios potenciais e limitações.

Os profissionais que atuam na brinquedoteca precisam conhecer previamente as crianças e suas famílias, para saber de que maneira se sensibilizar com um olhar diferenciado e aguçado para a situação vivida pelos mesmos naquele momento. Isto é evidenciado por Pinto e Sarmiento (1997, p. 25), os quais salientam que,

O olhar das crianças permite revelar fenômenos sociais que o olhar dos adultos deixa na penumbra ou obscurece totalmente. Assim, interpretar as representações sociais das crianças pode ser não apenas um meio de acesso à infância como categoria social, mas às próprias estruturas e dinâmicas sociais que são desocultadas no discurso das crianças.

Para esse conhecimento prévio das crianças e suas famílias, no momento em que chegam ao CRAS, seja por encaminhamento da SEHAS, Conselho Tutelar, Ministério Público ou por vontade própria da família que de certa maneira pede “socorro” por não saber como administrar seus problemas familiares e sociais, será realizado uma ficha com todos os dados da criança e da família, bem como de suas vulnerabilidades e o porquê estará

participando do Serviço do CRAS, além de um plano de acompanhamento da mesma. Esses dados são obtidos através de uma breve entrevista realizada pela Assistente Social, Psicóloga ou Orientadora Social com o responsável familiar ou ainda quando necessária visita domiciliar (no caso de encaminhamento por outro órgão e o não comparecimento da família no CRAS). Em seguida, o nome da criança, número do NIS (Número de Identificação Social) e motivo da inclusão no Serviço, são encaminhados para a Gestora da Secretaria de Assistência Social do município, que faz o lançamento e acompanhamento no Sistema do MDS (Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome). No CRAS a ficha e qualquer outro dado relevante como atividades realizadas, assim como chamada semanal, são anexadas em pasta individual do usuário, devidamente identificada e anualmente arquivadas.

Em seguida estarei especificando um pouco mais sobre o que é o CRAS, sua organização, sua equipe, o espaço da brinquedoteca e seus participantes.

### **3.2 A brinquedoteca no espaço do CRAS**

*Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande.*

*Manoel de Barros (Memórias inventadas – Infância)*

A Brinquedoteca do CRAS de Santo Augusto foi pensada e organizada de maneira que viesse a atender todas as crianças e famílias que dela precisassem. Conta com recurso físico e humano conseguindo atender a demanda por horários previamente agendados. É uma sala com armários que permitem o pleno acesso das crianças para que elas mesmas possam escolher o que querem para brincar, sem falar que os mesmos são coloridos, o que trás um aconchego maior para o espaço, as mesas e cadeiras também são coloridas e do tamanho ideal, os brinquedos são de grande diversidade para contemplar as diferentes idades, a sala é bem iluminada, tem cortinas coloridas e agora também conta com ar condicionado. Além disso, ainda conta com dois tapetes, almofadas, instrumentos musicais, apetrechos para fantasias, fantoches, dedoches, livros de temas variados, escorregador, televisão, DVD, rádio, dois berços, dois trocadores e materiais para as atividades (papel colorido, canetinhas, lápis, tesoura, cola...). O espaço foi pensado para que a criança e a mãe (ou responsável) se sentissem acolhidas e seguras para dialogarem entre os pares, com os profissionais, e principalmente para brincarem sem maiores preocupações.

A brinquedoteca funciona a partir de horários já agendados no momento da entrevista inicial com a equipe do CRAS. Neste espaço, atuo como educadora atendendo as crianças e os

adultos que as acompanham durante o período em que estão no CRAS. O atendimento coletivo (grupos de 5 crianças e respectivos responsáveis) ocorre duas vezes por semana, sendo nas quartas (tarde) e quintas-feiras (manhã). Nos demais dias da semana (segundas, terças e sextas) as crianças são atendidas individualmente na brinquedoteca enquanto seus responsáveis recebem atendimento das demais profissionais que atuam no CRAS (tais como a psicóloga e assistente social). O horário de funcionamento da brinquedoteca inicia às 8h00min e termina às 16h30min.

A brinquedoteca do CRAS de Santo Augusto possui uma grande diversidade de brinquedos, desta forma, ao compra-los, a equipe pensou nas diferentes faixas etárias que frequentariam aquele espaço, afinal, são crianças até 06 anos. No entanto, mesmo tendo este tipo de cuidado, ainda vieram brinquedos que não condizem com a faixa etária, os quais foram retirados do espaço, bem como os brinquedos que quebram ou tem algum defeito de fábrica. Procuramos manter um espaço adequado e atraente para as crianças, às vezes deixamos poucos brinquedos, para poder contar uma história ou vivenciá-las, cantar, dançar, correr, pular. Policiamo-nos para não deixar o ambiente “poluído” com uma quantidade exagerada de brinquedos ou móveis.

Penso que o ambiente da Brinquedoteca é atraente e que neste espaço as crianças conseguem desenvolver sua imaginação, coordenação, o faz de conta, a aproximação com a mãe, demonstra quando não está bem ou quando algo aconteceu no ambiente familiar e é a partir destes momentos de brincar que os profissionais conseguem observar com um olhar atento e sensível para posteriormente mediar a ajuda para as famílias. Segundo Vygotsky (2000), a ação na esfera imaginativa, numa situação imaginária, a criação das intenções voluntárias e a formação dos planos da vida real e motivações que envolvem os desejos – tudo aparece no brinquedo. Vygotsky entende que a brincadeira cria uma zona de desenvolvimento proximal da criança, pois ela tem a oportunidade de ser aquilo que ainda não é, pode agir como se fosse maior do que é na realidade e pode saber e usar coisas que lhe são proibidas.

Entendo o brincar como ação humana que integra o pensar e o fazer, como forma da criança ser e estar no mundo. Tal entendimento está embasado nas leituras das análises de autores/autoras tais como Barbosa e Richter (2009), as quais enfatizam que

O brincar e a brincadeira emergem como uma das práticas culturais mais constantes na educação infantil. Não apenas por ser na infância que esta se apresenta com maior intensidade, mas por ser a experiência inaugural de experienciar o mundo e experimentar-se, de aprender a criar e inventar linguagens na simultaneidade que aprende a recriar-se e a reinventar-se através do exercício lúdico da liberdade de repetir e reiniciar movimentos no mundo. Não se trata de um domínio da criança,



mas de uma expressão cultural que especifica o humano (BARBOSA; RICHTER, 2009, p. 13).

E é assim, que podemos compreender a importância da infância por si própria e não como um período que prepara para a vida, a partir disso, reconfigura-se o papel do brincar dando-lhe sentido como ação da criança importante no seu espaço e tempo e não apenas como necessidade para o seu desenvolvimento.

Vejo que a cada participação das mães com seus filhos (as) na brinquedoteca, mais os laços afetivos e a construção de relações vai se consolidando. Não somente entre mãe e filho, mas também com os profissionais que por ali transitam. O espaço da brinquedoteca é de livre acesso, as crianças e as mães podem sair ir ao pátio, voltar, sair novamente, visitar os outros espaços do CRAS, construindo assim mais vínculos. As crianças aprendem constituir sua cultura lúdica brincando e toda cultura é processo vivo de relações, interações e transformações (BARBOSA; RICHTER, 2009).

### **3.3 Quem são os sujeitos que frequentam o espaço da brinquedoteca do CRAS – as crianças e suas famílias**

*As crianças, todas as crianças, transportam o peso da sociedade que os adultos lhes legam, mas fazem-no com a leveza da renovação e o sentido de que tudo é de novo possível. (Sarmiento, 2004, p.10).*

Como já descrito anteriormente, a brinquedoteca no espaço do CRAS é de cunho social, visando o atendimento de crianças na faixa etária de 0 a 06 anos através do SCFV para crianças até 06 anos. Juntamente com as crianças participam a mãe ou responsável.

As mães que frequentam a Brinquedoteca com seus filhos, possuem na grande maioria uma visão equivocada sobre a infância e sobre a importância do brincar na vida de seus filhos. O CRAS busca clarear essas visões errôneas, que ainda trazem a criança como um adulto em miniatura, que a criança precisa aprender a trabalhar desde cedo deixando muitas vezes o brincar em segundo plano. Segundo Sarmiento (2007, p.26), as concepções construídas historicamente sobre a infância, baseadas numa perspectiva adultocêntrica, tanto esclarecem como ocultam a realidade social e cultural das crianças sendo, portanto, necessária à ruptura com o modelo epistemológico sobre a infância até então instituído.

Para Winnicott (1982), é importantíssimo para o desenvolvimento emocional da criança que os pais demonstrem uma disponibilidade lúdica para com seus filhos, pois tais atividades entre pais e filhos constituem as melhores relações entre ambos.

Winnicott (1982) ressalta que os adultos precisam ser conscientizados dos benefícios que o brincar fornece para o desenvolvimento emocional da criança.

As experiências tanto externas como internas podem ser férteis para o adulto, mas para a criança essa riqueza encontra-se principalmente na brincadeira e na fantasia. Tal como as personalidades dos adultos se desenvolvem através de suas experiências da vida, assim as das crianças evoluem por intermédio de suas próprias brincadeiras e das invenções de brincadeiras feitas por outras crianças e por adultos. (WINNICOTT, 1982, p.163).

Sempre procuramos ter a criança como centro do planejamento que realizamos semanalmente, respeitando sua cultura, seus anseios, vulnerabilidades, instigando suas potencialidades, visto que segundo o Artigo 4º das DCNEIS (2009), as propostas pedagógicas da Educação Infantil devem considerar que a criança é

sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

Assim também, são importantes os momentos em que as crianças se encontram no CRAS para que elas construam suas culturas de pares. Para CORSARO (2007), a cultura de pares, pode ser entendida como “um conjunto estável de atividades ou rotinas, artefatos, valores e interesses que as crianças produzem e compartilham na interação com seus pares”. Nestas brincadeiras as crianças desenvolvem o que ele chamou de uma camaradagem emocional em fazer coisas em conjunto (Corsaro, 2007), já que as culturas de pares fornecem as crianças um sentimento de pertença ao grupo.

As famílias que estão no CRAS trazem consigo uma história de vida dolorosa, cheia de violência, abandono e riscos. Todo esse sofrimento acaba refletindo nas crianças que frequentam a brinquedoteca. É nesse sentido que buscamos fortalecer essas famílias para que se sintam mais seguras e saibam como lidar com diferentes situações do seu cotidiano. Para que o trabalho realizado seja responsável e efetivado devidamente contamos com o apoio das demais políticas públicas do município ligadas a RAISA (Rede de Atendimento Integrada de Santo Augusto), o órgão atua no desmembramento de casos que envolvem crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade, essa rede é formada por membros de diversos setores, Ministério Público, Polícia Civil, Brigada Militar, Assistência Social, Saúde e Educação.

Atualmente, a brinquedoteca do CRAS atende trinta crianças (meninos e meninas), na faixa etária de 0 a 6 anos. De todas estas crianças apenas uma delas vem acompanhada pela avó, pois a mãe tem mais duas meninas gêmeas em casa e não tem como trazer a outra. As mães estão na faixa etária dos 18 aos 38 anos, a maioria tem de 2 a 3 filhos, onde geralmente não são do mesmo companheiro. Todas tem algum tipo de vulnerabilidade relacional que é observado no momento da entrevista inicial, quando chegam ao CRAS, ou por encaminhamento de outro órgão ou por demanda espontânea. No momento da entrevista realizada pelas técnicas (assistente social e/ou psicóloga) é feito o preenchimento de uma ficha com dados pessoais de todos os familiares que residem com o responsável, bem como observada as seguintes vulnerabilidades relacionais:



*Figura 1: Fonte: Concepção de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (Brasil, 2015, p.34)*

Cada família tem suas peculiaridades. No entanto este espaço de brincar proporciona momentos prazerosos e de proximidade entre os sujeitos. Segundo Kramer (2005, p. 20) “as crianças participam da construção de seu conhecimento como sujeitos ativos, fazendo uso dos esquemas mentais próprios a cada etapa de seu desenvolvimento. Constrói noções e conceitos na medida em que age, observa e se relaciona com o mundo físico”. É nesta faixa etária que a criança dá início ao processo de assimilação das normas de conduta sociais, tendo o adulto como principal modelo de comportamento. Novamente (KRAMER, 2005, p.100) “O

conhecimento, o relacionamento franco e a participação das famílias das crianças na vida da escola são componentes fundamentais de uma proposta pedagógica”.

Segundo as Orientações Técnicas do CRAS (Brasil, 2009) o mesmo deve assegurar as famílias usuárias de seus serviços os seguintes direitos:

- De conhecer o nome e a credencial de quem o atende (profissional técnico, estagiário ou administrativo do CRAS);
- À escuta, à informação, à defesa, à provisão direta ou indireta ou ao encaminhamento de suas demandas de proteção social asseguradas pela Política Nacional de Assistência Social;
- A dispor de locais adequados para seu atendimento, tendo o sigilo e sua integridade preservados;
- De receber explicações sobre os serviços e seu atendimento de forma clara, simples e compreensível;
- De receber informações sobre como e onde manifestar seus direitos e requisições sobre o atendimento socioassistencial;
- A ter seus encaminhamentos por escrito, identificados com o nome do profissional e seu registro no Conselho ou Ordem Profissional, de forma clara e legível;
- A ter protegida sua privacidade, dentro dos princípios e diretrizes da ética profissional, desde que não acarrete riscos a outras pessoas;
- A ter sua identidade e singularidade preservadas e sua história de vida respeitada;
- De poder avaliar o serviço recebido, contando com espaço de escuta para expressar sua opinião;
- A ter acesso ao registro dos seus dados, se assim o desejar;
- A ter acesso às deliberações das conferências municipais, estaduais e nacionais de assistência social. (p. 14).

Cada usuário atendido no CRAS precisa ter o Número de Identificação Social (NIS) e cada família tem seu prontuário, onde são anotadas todas as informações pertinentes sobre a mesma, bem como sua identificação. Ainda segundo as Orientações Técnicas (Brasil, 2009) é fundamental que o prontuário tenha campo para registro do nº do NIS/NIT do responsável familiar e do membro efetivamente atendido. Esse procedimento auxilia no registro do número de famílias atendidas, bem como na articulação/integração entre serviços, benefícios e transferência de renda. Caso a família ainda não estiver no CadÚnico, é preciso encaminhá-la para providenciar sua inserção e obter o nº do seu NIS.

### 3.3.1 A equipe

*A utopia está lá no horizonte.  
Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos.  
Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos.  
Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei.  
Para que serve a utopia?  
Serve para isso: para que eu nunca deixe de caminhar.*

(Eduardo Galeano).



Figura 2: Da esquerda para a direita: Assistente Social, Coordenadora, Psicóloga, Serviços Gerais e Orientadora Social. Esta é a equipe do CRAS de Santo Augusto.

A equipe do CRAS é composta por uma coordenadora, uma assistente social (técnico de referência), uma psicóloga (técnico de referência), uma servidora de serviços gerais e uma orientadora social. Além desta equipe contamos com o apoio da Equipe de Gestão da Assistência Social (gestora e secretária da assistência social, assistentes sociais e psicólogas). Para o SCFV para crianças e adolescentes de 06 a 17 anos, contamos também com Facilitadores de Oficinas contratados na área de dança, teatro, música/canto (violão e flauta), esportes/lazer e capoeira que são um atrativo para além das atividades socioeducativas já desenvolvidas.

Segundo o MDS (2015) os Técnicos de Referência do CRAS com atuação no SCFV devem:

Ser Profissional de nível superior que integra a equipe do CRAS para ser referência aos grupos do SCFV. Além do acompanhamento da execução do serviço, por meio de participação nas atividades de planejamento e assessoria ao orientador social, cabe a este profissional assegurar, na prestação do SCFV, a aplicação do princípio da matricialidade sociofamiliar que orienta as ações de proteção social básica da assistência social. Entre as atribuições do técnico de referência, estão: conhecer as situações de vulnerabilidade social e de risco das famílias beneficiárias de transferência de renda (BPC, PBF e outras) e as potencialidades do território de abrangência do CRAS; acolher os usuários e ofertar informações sobre o serviço; realizar atendimento particularizado e visitas domiciliares a famílias referenciadas ao CRAS; desenvolver atividades coletivas e comunitárias no território; encaminhar usuários ao SCFV; participar da definição dos critérios de inserção dos usuários no serviço; assessorar as unidades que desenvolvem o SCFV no território; assessorar o(s) orientador (es) social(ais) do SCFV; acompanhar o desenvolvimento dos grupos

existentes nas unidades ofertantes do serviço, acessando relatórios, participando em reuniões de planejamento, avaliação, etc.; manter registro do planejamento do SCFV no CRAS; avaliar, com as famílias, os resultados e impactos do SCFV. Garantir que as informações sobre a oferta do SCFV estejam sempre atualizadas no SISC e utilizá-las como subsídios para a organização e planejamento do serviço. (p.27)

Ainda segundo o Ministério do Desenvolvimento Social - MDS (Brasil, 2015) o Orientador Social ou Educador Social deve:

Ser a função exercida por profissional com, no mínimo, nível médio de escolaridade, conforme dispõe a Resolução CNAS nº 09/2014. O orientador social tem atuação constante junto ao(s) grupo(s) do SCFV e é responsável pela criação de um ambiente de convivência participativo e democrático. Destacam-se as seguintes atribuições desse profissional: organizar, facilitar oficinas e desenvolver atividades coletivas nas unidades e/ou na comunidade; acompanhar, orientar e monitorar os usuários na execução das atividades; apoiar na organização de eventos artísticos, lúdicos e culturais nas unidades e/ou na comunidade; participar das reuniões de equipe para o planejamento das atividades, avaliação de processos, fluxos de trabalho e resultado; Acompanhar e registrar a assiduidade dos usuários por meio de instrumentais específicos, como listas de frequência, atas, sistemas eletrônicos próprios, etc.(p. 28)

Cada profissional da equipe do CRAS trabalha desenvolvendo suas funções e auxiliando a equipe no atendimento às demandas. Todos atuam diariamente com as crianças e adolescentes e em vários momentos desde a chegada das crianças e adolescentes ao CRAS. Para podermos planejar e avaliar as atividades propostas, organizamos em conjunto um Plano de Intervenção (anexo 05), que estrutura de maneira mais prática o nosso trabalho junto aos grupos do CRAS. É mais uma entre as estratégias de registro além das outras utilizadas que incluem fotos, filmagens e relatos escritos, desenhos, entre outras produções realizadas no decorrer das atividades. Pautamos tais práticas de registro no entendimento de que, conforme Ostetto, (2000),

A prática do registro é importante por nos permitir construir a ‘memória compreensiva’, aquela memória que não é só simples recordação, lembranças, vãs, mas é base para a reflexão do educador, para análise do cotidiano educativo e do trabalho desenvolvido pelo grupo (p.21).

Gradativamente, a equipe vem aprimorando e compreendendo cada vez mais a do registro e isso fez com que o nosso trabalho se tornasse mais coerente e reflexivo.

O registro de informações constitui elemento fundamental para gestão, monitoramento e avaliação, e conseqüentemente, para o aprimoramento das ações e serviços do CRAS e dos serviços a ele referenciados. Deve ser realizado por meio de instrumentais que facilitem armazenar os dados dos usuários; os atendimentos

realizados no CRAS ou nos serviços a ele referenciados; os acompanhamentos em curso; os encaminhamentos para serviços da proteção básica e especial e as informações necessárias à alimentação dos sistemas da RedeSUAS, do Censo CRAS e de outros sistemas municipais ou do DF. (BRASIL, p. 42).

O planejamento das ações desenvolvidas é realizado semanalmente, todas as quartas-feiras, no período da manhã, tendo como local as dependências da Secretaria de Assistência Social, onde além da equipe do CRAS também participam integrantes da própria Secretaria. Neste aspecto, cabe ressaltar que, de acordo com as Orientações Técnicas (2009)

As reuniões periódicas de planejamento com toda a equipe de referência do CRAS, entre profissionais de nível superior e coordenador, deve ser parte do processo de trabalho do CRAS, sendo imprescindível para a garantia da interdisciplinaridade do trabalho da equipe. Além disso, cabe ao coordenador detectar necessidades de capacitação da equipe, redirecionar, junto com o grupo, objetivos e traçar novas metas a fim de efetivar o CRAS como unidade pública que possibilita o acesso aos direitos socioassistenciais nos territórios. Estes momentos, que devem ser preferencialmente semanais, são ainda importantes para possibilitar a troca de experiências entre os profissionais. (p. 41).

Destaca-se ainda o planejamento e avaliação do processo de trabalho contam também com a participação dos usuários dos serviços ofertados no CRAS (p.42). Para tanto, semanalmente, os usuários são consultados acerca de suas expectativas, o que não gostou, ideias para melhorar e assim por diante. Tais dados produzidos são sistematizadas e enviados mensalmente para o órgão gestor, especialmente as que se referem à incidência de vulnerabilidade e risco social no território; número de famílias atendidas e acompanhadas; perfil das famílias (se beneficiárias de transferência de renda ou de benefício de prestação continuada), dentre outras. Estas informações servirão para alimentar o sistema de vigilância social do município, bem como o Censo CRAS.

A seguir apresento uma breve descrição da metodologia utilizada para fins de investigação sobre o contexto no qual a Brinquedoteca está inserida e as percepções que os sujeitos que nela estão inseridos (crianças, famílias e profissionais) possuem acerca do brincar. Vejamos...

#### 4. PERCURSOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

*Mas eu estava a pensar em achadouros de infâncias. Se a gente cavar um buraco ao pé da goiabeira do quintal, lá estará um guri ensaiando subir na goiabeira. Se a gente cavar um buraco ao pé do galinheiro, lá estará um guri tentando agarrar no rabo de uma lagartixa. Sou hoje um caçador de achadouros de infância. Vou meio dementado e enxada às costas a cavar no meu quintal vestígios dos meninos que fomos. (Manoel de Barros, 2003)*

Enquanto pesquisadora e integrante da equipe do Centro de Referência em Assistência Social (CRAS), nos meses de fevereiro e março de 2016, participei da realização do mapeamento da realidade do Bairro Tiradentes onde o CRAS de Santo Augusto está localizado. Segundo as diretrizes das políticas de atendimento psicossocial, tal mapeamento do contexto local pauta-se no entendimento de que,

A realização de diagnósticos a partir de indicadores generalizantes apresenta limites e, por isso, quanto mais os técnicos conhecerem as características e especificidades dos territórios, mais aumentam as chances de eles obterem uma fotografia viva das dinâmicas da realidade local. Assim, a busca ativa complementa a gestão territorial. Contribui para o planejamento local e para a ação preventiva da Proteção Básica, propiciando à equipe do CRAS um adequado conhecimento do território (BRASIL, 2009, p.29)

Logo, a pesquisa de cunho socioantropológico para fins de conhecimento do território onde o CRAS está situado apresenta subsídios relevantes que embasam as ações desenvolvidas. Tal mapeamento constou de observações e entrevistas semiestruturadas com integrantes as famílias do contexto pesquisado. De acordo com as diretrizes de atuação do CRAS, tal ação de mapeamento do território pauta-se no entendimento de que,

[...] O conhecimento das vulnerabilidades sociais, das situações de desigualdades a partir dos territórios, tem por princípio a dimensão ética de incluir ‘os invisíveis’. A busca ativa tem por foco os potenciais usuários do SUAS cuja demanda não é espontânea ou encaminhada por outras instâncias, bem como considera as informações estratégicas para a ação coletiva. Contribui também para a sensibilização da população do território para participação em ações, serviços e projetos ofertados pelo CRAS e demais unidades da rede socioassistencial do seu território (BRASIL, 2009, p.29).

Diante disso, a fim de ouvir as amarras subjetivas que ecoam de um determinado lugar, seus signos e significados é preciso primeiramente entender de que lugar estamos falando pois neste Bairro ainda somos todos estrangeiros. Portanto, no mês de janeiro de 2016, a equipe de CRAS deu início ao processo de contextualização do Bairro através do que denominamos de Mapeamento Falado do Bairro Tiradentes e que consiste num diagnóstico



participativo da situação geral da comunidade. É a percepção da comunidade diante das situações cotidianas. Neste mapeamento falado participam as crianças, familiares e todos os profissionais que trabalham no CRAS, visto que o mesmo é desenvolvido nos grupos do SCFV. Organizamos previamente no horário de planejamento, questões que já surgiram nos trabalhos com os grupos, ou seja, são demandas já existentes no território, como por exemplo, o alcoolismo e as brincadeiras tradicionais. Em seguida, a partir de rodas de conversa, slides, músicas, dinâmicas ou outra atividade colocamos em pauta novamente as questões para refletirmos e buscarmos em conjunto alternativas para fortalecer as famílias, evitando o rompimento de vínculos. Neste primeiro momento, realizamos o mapeamento falado somente no CRAS de maneira espontânea e dinâmica, posteriormente organizamos outros questionários para visitas nas casas e comércios do Território (anexos 01 e 02), além de utilizarmos o mapa do bairro, para o qual criamos uma legenda para nos localizarmos (anexos 03 e 04).

Assim, a partir de dois roteiros de entrevista estruturada organizados em equipe, a saber: a) Roteiro para o reconhecimento e diagnóstico Sócio Territorial das famílias e/ou indivíduos que residem no território de abrangência do CRAS de Santo Augusto – RS (anexo I e b) Roteiro para o reconhecimento e diagnóstico Sócio Territorial dos estabelecimentos Comércio/Saúde/Educação/Igrejas (anexo II) no território de abrangência do CRAS de Santo Augusto – RS), fomos a campo, visitando cada morador do bairro, assim como a igreja, o comércio, a escola. Ao todo o bairro conta com 89 residências, 02 minimercados, 01 bar, 01 escola e 01 igreja evangélica. Deste total, apenas 19 residências não foram visitadas pois os moradores não foram encontrados. Quanto aos participantes, o estudo contou com a participação dos seguintes sujeitos:

Sujeitos participantes	Faixa etária	Nº de participantes
Crianças	0-6 anos	09
Crianças/adolescentes	7 a 14 anos	24
Jovens	15 a 17 anos	09
	18 a 20 anos	14
Mulheres	21 a 59 anos	32
Homens	21 a 59 anos	45

*Tabela: Participantes da pesquisa de mapeamento do território do CRAS – jan.2016<sup>1</sup>*

A visitação às famílias permitiu que enquanto equipe do CRAS pudéssemos conhecer os espaços onde as crianças costumam brincar, o que pode ser observado na imagem a seguir.

<sup>1</sup>Dados produzidos a partir da pesquisa realizada por integrantes da equipe do CRAS – Santo Augusto no decorrer dos meses de janeiro e fevereiro/2016.



*Figura 3 - Rua Lauzinho / Bairro Tiradentes / Santo Augusto – RS. Crianças do SCFV do CRAS e o seu Território.*

Os caminhos percorridos no contexto do território composto pelo Bairro Tiradentes, nos permitem traçar propostas de trabalho condizentes com o movimento da vida dos usuários do CRAS. O percurso foi capaz de sinalizar por meio de construções, gestos, atitudes, sorrisos, apertos de mão, aspereza, críticas e questionamentos o quanto as estruturas dos relacionamentos é complexa, mas que ainda somos todos potencialmente capazes de diálogo e de mudança, portanto, de alcançar o conhecimento da realidade do outro.

Além dos dados coletados no levantamento feito junto às famílias do bairro, a pesquisa constou ainda da realização de entrevista semiestruturada com a psicóloga que integra a equipe de profissionais do CRAS e que atua na brinquedoteca. Esclareço que somente foi possível realizar a pesquisa com esta profissional pois durante o período da pesquisa o CRAS passou por mudanças na sua equipe. Refiro-me ao fato de que a assistente social pediu exoneração do cargo para assumir concurso público em outro município e a coordenadora foi transferida para atuar na sede da prefeitura.

Outro aspecto a ser destacado é de que também foram feitas observações e registros de momentos compartilhados entre as crianças e famílias que participam das atividades na brinquedoteca do CRAS. Tais observações foram realizadas durante o mês de março quando

as crianças e respectivas famílias interagem no espaço da brinquedoteca com a participação da professora pesquisadora.

A metodologia de análise foi de cunho qualitativo, partindo do entendimento de que,

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 1994, p. 21-22).

No próximo capítulo, apresento as análises a partir dos dados produzidos a partir da escuta das crianças, adultos e profissionais que integram o contexto pesquisado.

## **5. O BRINCAR ENQUANTO POTENCIALIZADOR DA AFETIVIDADE ENTRE ADULTOS E CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE: UM ESTUDO DE CASO REALIZADO NA BRINQUEDOTECA DO CRAS EM SANTO AUGUSTO – RS**

*CUNHA (2010, p. 13) nos esclarece que: BRINQUEDOTECA é um espaço criado para favorecer a brincadeira.*

### **5.1 O contexto vivido pelas crianças e suas famílias nas suas casas e o lugar do brincar**

Em termos de legislação, a Constituição Federal de 1988 consolidou a garantia dos direitos das crianças e adolescentes passando a pautar as políticas públicas de atendimento. No texto constitucional, mas especificamente, no artigo 227, ressalta o dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. Todavia, infelizmente nem todas as crianças e adolescentes brasileiros tem os direitos garantidos, razão pela qual o CRAS desenvolve suas atividades no sentido de reverter tal situação.

Logo, uma das leis que a qual no reportamos enquanto profissionais do CRAS de Santo Augusto é o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que é uma Lei Federal (nº 8.069), promulgada em 13 de julho de 1990. O Estatuto constitui um marco legal de um processo reflexivo e prático referente a políticas públicas para a infância e adolescência, um instrumento que norteia no atendimento a crianças e adolescentes que estão em diferentes situações de abandono social ou prestes a entrar nessas situações. O ECA materializou o desejo da sociedade em garantir os direitos das crianças e adolescentes, principalmente os provenientes das classes sociais menos favorecidas. Para tanto, define as crianças e os adolescentes como sujeitos de direito, sendo-lhes garantida a proteção integral. Conforme o artigo 4º

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à

cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade, e à convivência familiar e comunitária (BRASIL, p. 9).

Fica claro que todos têm o dever da efetivação dos direitos citados neste artigo. O CRAS de Santo Augusto, procura garanti-los da melhor maneira possível, e auxiliar as famílias e comunidade a compreendê-los também. Sendo assim, a brinquedoteca tendo o brincar como estratégia no acolhimento a crianças em situação de vulnerabilidade social, viabiliza esses direitos. Como nos trouxe a psicóloga do CRAS, *O brincar entendido enquanto uma estratégia de acolhimento nos permite desvelar o universo subjetivo que habita todos os sujeitos, o território da fantasia e sua “realidade” [...] A brinquedoteca é o espaço do brincar por excelência, desperta o olhar de todos os usuários, a curiosidade. Esse espaço reporta a possibilidades muito divergentes da vida cotidiana conforme alegam, há um tempo para brincar, há uma intencionalidade, mas ao mesmo tempo nunca se sabe a priori como o brincar irá se desenrolar.*

O brincar atualmente no CRAS é considerado fundamental no acolhimento das crianças e suas famílias, mas nem sempre foi assim, quando ingressei como funcionária pública do município de Santo Augusto (há cinco anos), os profissionais do CRAS não tinham essa visão ampliada e reflexiva que existe atualmente. Tudo era muito mecânico, se pensava somente em atingir metas, números para vir verba, não que esta não seja importante, pelo contrário, no entanto não é só ela que faz com que o trabalho seja de qualidade e não somente pensado na quantidade. A brinquedoteca enquanto espaço físico era inadequado, em primeiro lugar por ter uma escadaria enorme, sendo que havia crianças com deficiência física que tinham muita dificuldade de subi-la, assim como havia um grande sofrimento da família, que além de estar participando do serviço procurando apoio e fortalecimento, ainda tinha que se preocupar com o acesso inadequado. Havia bastantes brinquedos e o espaço era amplo, porém muito húmido e mal ventilado.

Atualmente, depois de muita luta, estamos com o prédio do CRAS onde deve estar no território de quem precisa dos serviços e em um território que precisava também ser valorizado, percebido como parte da sociedade de Santo Augusto, que até então estava esquecido em um emaranhado de revoltas, angustias e com um enorme potencial. Este novo prédio do CRAS, trouxe consigo, salas adequadas, com grande espaço interno e externo, um CRAS para a comunidade. A brinquedoteca é um pouco menor que a antiga, no entanto, é bem iluminada, arejada, com acesso para todos, sem falar que temos um pátio enorme com gramado, quadra, árvores, onde conseguimos um brincar com inúmeras possibilidades.

As crianças afirmam neste mapeamento falado, que brincam de bodoque, de caçar pombas, com as quais os adultos fazem pombadas<sup>2</sup>. Vão até um riacho que fica em outro bairro para tomar banho, brincam de subir em árvores e assistem TV. Algumas meninas tomam banho de piscina (plástica) na casa de uma usuária às vezes, andam de bicicleta. Brincam de Lets cola<sup>3</sup> e brincadeiras sem uso de materiais, “Discordar, Adedanha e Pé de Chulé”. As mães das crianças que frequentam o SCFV para crianças de até 06 anos contribuem com o trabalho sobre as brincadeiras no Território. Falam que os filhos gostam de brincar de comidinha ajudando-as na cozinha, e por estarem presentes na realização das tarefas da casa gostam de brincar com potes, copos, latas e também com as panelas além de brinquedos que façam barulho, brincam dentro de casa e no espaço do pátio. Além de terem alguns brinquedos prediletos como um dinossauro, um caminhão e um pandeiro.

Nas conversas realizadas entre a equipe do CRAS e as famílias, os assuntos relatados acerca dos problemas enfrentados no Bairro envolvem questões de alcoolismo, prostituição, drogas e violências. Cabe destacar que o local onde o CRAS se encontra atualmente era antes disso, uma antiga escola abandonada e em ruínas, onde se juntavam usuários de drogas nos finais de semana e a noite. Algumas das mães participam com seus filhos na brinquedoteca, têm ou já teve seu companheiro, irmão ou filho preso. E contam sobre o que vivenciaram nestes momentos:

*[...] a cadeia não corrige ninguém quem sofre é a família que tem que visitar, se virar aqui fora, levar coisas para que não matem o companheiro, o irmão, o filho que está lá...é muito humilhante...temos que levar bastante comida porque eles exigem que se reparta entre todos e se faltar (...). Quando vamos visitar tem policiais que são humanas, mas outras não querem saber, mandam tirar toda a roupa no inverno...trocam as fraldas das crianças. Lá cada um vai para um lado as mães ficam com os bebês e as meninas, os meninos “maiorzinhos” já vão para outra sala para serem revistados. (relato de uma mãe usuária da brinquedoteca do CRAS).*

Na oportunidade três usuárias já haviam passado por essa vivência, duas das crianças atendidas no SCFV do CRAS tiveram os pais presos pela primeira vez pelo motivo de estarem envolvidos com o tráfico de drogas.

Afirmam também que antes do CRAS vir para o Bairro, não podiam usar a parada de ônibus em frente ao CRAS, pois sempre estava ocupado por usuários de drogas:

<sup>2</sup> Na comunidade local pesquisada, a carência de recursos das famílias, inclusive para atender as necessidades básicas como alimentação, faz-se com que as pombas caçadas pelas crianças com bодоques/estilingues sejam levadas para os adultos prepara-las para as refeições (arroz ou polenta cozida com carne de pomba). Esta constatação é feita a partir da escuta dos relatos das crianças e famílias tanto na pesquisa socioantropológica realizada quanto nos diálogos realizados durante as ações desenvolvidas na brinquedoteca do CRAS.

<sup>3</sup> brincadeira realizada ao ar livre onde um é o pegador e os demais correm no espaço determinado (ex: quadra de esportes) para pegar ou colar os demais que na medida em que são pegos devem ficar parados no lugar sem se mexer até um colega conseguir descolar e assim segue a brincadeira.

*[...] não podemos usar a parada de ônibus porque ali ficam os usuários de drogas... em dias de chuva esperamos na esquina com um guarda-chuva e os filhos para ir à escola porque lá está ocupado (relato de uma mãe usuária da brinquedoteca do CRAS).*

Ao final do mapeamento falado e do roteiro realizado a campo, compilamos vários dados, significantes e significados e a partir de então continuarmos nosso trabalho mais atentos e compreendendo melhor nosso usuário.

Somos estrangeiros em um território ao qual também fazemos parte... O prédio do CRAS está no território, mas será que nós profissionais também estamos? Falo de um estar de corpo e alma, de um querer estar e principalmente de um querer impulsionar mudanças significativas nas famílias deste local. Acredito que esse querer foi o motivador para irmos a campo conhecer nosso território como ele realmente é.

Procurei levar comigo um olhar antropológico, pesquisador, curioso, inquieto e sensível. Olhar do olho, do corpo, do coração e da cabeça. E a partir deste olhar, percebi que muito falta ainda para que todos conheçam e reconheçam realmente o trabalho desenvolvido no CRAS, bem como sua importância para toda a comunidade. No entanto, conclui algo que eu já imaginava, as pessoas gostam e querem ser ouvidas e acolhidas, mas às vezes não sabem como fazê-lo.

Assumir um olhar antropológico implica, de forma constante,

*[...] “se colocar na pele do outro”, acolher, ler o mundo das crianças desde o lugar delas, em diálogo com as nossas percepções adultas e com a nossa criança interior. Não é tarefa fácil, pois significa um permanente e profundo processo de autoconhecimento, uma conexão e presença, colocando as crianças à nossa frente; implica silenciar nossos impulsos e ouvir nossos insights. Trabalho para uma vida! (FRIEDMANN – Território do Brincar – 2015, p. 41).*

Relembrando que o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para Crianças de até 06 anos é um serviço de proteção social básica ofertado de forma complementar ao Serviço de Proteção e Atendimento Integral às Famílias (PAIF), principal serviço de proteção básica. Tem por foco o desenvolvimento de atividades com crianças, familiares e comunidade, para fortalecer vínculos e prevenir ocorrência de situações de exclusão social e de risco, em especial a violência doméstica e o trabalho infantil.

## **5.2 O brincar no espaço da brinquedoteca do CRAS a partir da escuta e observações das crianças e suas famílias**

Além da entrevista e visitação às casas, observei com um olhar mais inquieto, sensível e questionador tanto as crianças quanto suas respectivas famílias, as quais frequentam a brinquedoteca do CRAS. Afinal, de que maneira elas percebem este brincar e este espaço como apoio, acolhimento e fortalecedor de vínculos tão fragilizados. Para tanto, além da observação, há momentos de mediações, diálogos, brincadeiras em grupo, onde a cultura que cada um traz fica evidente e influencia no modo de brincar individual e com os pares, cada família tem seus sofrimentos e angústias, mas percebi o quanto desejam estar com seus filhos naquele espaço, cada uma de seu modo, às vezes tímida, com receio do novo, da mudança, mas na grande maioria dispostas ao menos dar “o ponta pé” inicial e começar a frequentar o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos.

É necessário que se encontrem interrogações nos percursos que as crianças fazem. Para tanto, é fundamental “emergir-las” em experiências e vivências complexas que justamente instiguem a sua curiosidade. Nessas situações, é importante ressignificar as diferentes formas de interpretar, representar e simbolizar tais vivências, por meio do desenho, da expressão corporal, do contato com diferentes materiais (BARBOSA E HORN 2008, p.37).

Os estudos realizados pelas autoras acima mencionadas corroboram para o entendimento de que o trabalho desenvolvido no CRAS pautado no brincar tem sido relevantes na ampliação e/ou resgate dos laços afetivos entre as crianças e suas famílias na medida em que juntos, crianças e adultos, compartilham vivências, sentimentos, emoções e descobertas. As crianças frequentam a brinquedoteca do CRAS acompanhadas das mães. Os encontros são semanais (nas quartas e quintas-feiras) e duram cerca de uma hora sendo mediados pela pesquisadora que também é educadora neste contexto. As crianças participantes possuem idades entre 03 e 6 anos e foram organizadas em grupo de 05 (cinco) e realizaram atividades em companhia dos adultos que as acompanhavam até o CRAS (neste caso, mães e/ou avós). A figura a seguir é uma montagem de algumas fotos tiradas em momentos de ações na brinquedoteca, onde procurei não fotografar os rostos das crianças e mães, preservando sua imagem.





*Figura 4: Crianças e famílias brincando no espaço da Brinquedoteca do CRAS*

Nas imagens acima foram capturadas em momentos de brincar, de estar no CRAS ludicamente. Uma das imagens é um desenho feito por um menino de 05 anos, que adora desenhar, toda a semana ele quer fazer desenhos, onde utiliza várias cores, formas, às vezes desenha pessoas, mas na maioria das vezes faz desenhos como o que aparece na imagem acima, onde sem ter um elemento específico que eu propusesse para desenhar (por exemplo: vivências em família, no CRAS, na escola...), mas ele se expressa intensamente nestes momentos, e esse ele dedicou a professora Denise (eu como orientadora do grupo) e pediu para que colocasse no mural da minha sala como geralmente faço. De acordo com COHN, 2005

A observação participante pode ainda ser complementada com outros recursos, tais como coletas de desenhos e histórias elaboradas pelas crianças e registros audiovisuais. As opções são muitas, e abrem-se à criatividade, aos interesses e recursos do pesquisador, além das necessidades específicas da pesquisa. Pode-se, por exemplo, optar por coletar desenhos realizados pelas crianças com um mínimo de intervenção, seja nos materiais, no local de realização, no conteúdo; pode-se, ao contrário, pedir que as crianças façam desenhos a partir de um determinado tema de interesse da pesquisa, como, digamos, a família ou a escola. (p. 26)

Quando as crianças e as mães conseguem brincar juntas, com o único propósito de estar presente e mais próximo de seus filhos, podemos observar o brilho no olhar dos mesmos.

Vivenciar estes momentos riquíssimos é essencial para o nossa reflexão enquanto profissionais que trabalham com essas famílias. A equipe procura estar sempre em sintonia, conversando e repassando todas as informações pertinentes sobre determinada família ou situação que aconteça, por isso temos no CRAS, profissionais da área da pedagogia, psicologia e serviço social, para que cada um na sua área possa trazer seus conhecimentos e experiências e assim unirmos todas as áreas para juntos conseguir proteger e fortalecer os vínculos familiares e sociais destas famílias, bem como torna-los sujeitos que saibam de seus direitos e deveres enquanto cidadãos que usufruem das políticas públicas. O termo política pública segundo SPOSITO 2003 compreende a dimensão ético política dos fins da ação, e deve se aliar, necessariamente, a um projeto de desenvolvimento econômico-social e implicar formas de relação do Estado com a sociedade (p.59).

### **5.3 A escuta da psicologia do CRAS**

Entre os profissionais que atuam no CRAS contamos com a presença de uma psicóloga cujo trabalho é acolher e atender as crianças e respectivas famílias buscando o desenvolvimento de estratégias que possibilitem a restauração e/ou estreitamento dos vínculos familiares. Entre tais estratégias, o brincar é uma delas e neste sentido busquei investigar quais as concepções que pautam tal escolha. Para tanto, propus a realização de uma entrevista semiestruturada com a psicóloga que prontamente atendeu ao convite manifestando interesse e disponibilidade em participar do estudo.

Inicialmente, questioneei a entrevistada sobre qual a compreensão que possui do brincar e qual a importância do mesmo nas atividades que realiza. Eis a resposta:

*O brincar entendido enquanto uma estratégia de acolhimento nos permite desvelar o universo subjetivo que habita todos os sujeitos, o território da fantasia e sua “realidade”. Logo, o brincar das crianças tem a mesma liberdade que buscamos empregar em todos os Serviços de Convivência e Fortalecimento de Vínculos do CRAS esta estratégia está para nós a serviço da promoção de uma “Liberdade”. Necessitamos libertar nossos usuários permitindo-lhes criar uma realidade na qual sejam vencedores, protagonistas de uma caminhada e de uma possibilidade de final feliz. Investimos nessa ferramenta capaz de revestir uma realidade em grande medida violenta (relato da Psicóloga do CRAS),*

De acordo com o mencionado anteriormente no decorrer deste estudo, no CRAS o brincar ocorre em vários espaços, incluindo a brinquedoteca que, segundo a psicóloga é o es-

paço do brincar por excelência despertando nos usuários (crianças e adultos) um misto de curiosidade e encantamento. Em sua fala, evidencia que,

*Esse espaço reporta a possibilidades muito divergentes da vida cotidiana conforme alegam, há um tempo para brincar, há uma intencionalidade, mas ao mesmo tempo nunca se sabe a priori como o brincar irá se desenrolar. Neste CRAS há um transbordamento do brincar para todos os espaços, entendemos que isso seja possível porque a equipe profissional partilha de uma mesma orientação, compreendendo os processos, os vínculos que se estabelecem entre os seres humanos, as socialidades, enquanto o terreno onde o trabalho pode acontecer. Não usamos métodos fechados, mas sim primamos pela promoção da autonomia de nossos usuários. Buscamos manter o foco, brincando de equilibristas na corda bamba da vida de nossos usuários (relato da Psicóloga do CRAS).*

Na sequência da entrevista, busquei investigar de que forma o brincar se constitui enquanto estratégia no processo de integração entre crianças e adultos. De acordo com a entrevistada,

*A integração diz muito de um encontro que seria impossível em outros contextos, falamos de um encontro intergeracional onde a criança de um encontra com a outra, mas falam de lugares diferentes. Sim, este encontro ocorre em muitos momentos. A vida institucional segue com famílias chegando e partindo, mas com aquelas que nos permitem fazer parte vemos um novo capítulo se iniciar. A compreensão desse trabalho pela família é fundamental e leva alguns encontros para que possamos compreender os olhares uns dos outros. Estamos construindo um caminho (relato da Psicóloga do CRAS).*

A fim de promover a integração entre as famílias e as crianças utilizando o espaço da brinquedoteca, a psicóloga revela que realiza atividades onde o brincar potencialize as relações, sejam um espaço de ludicidade, cooperação e compartilhamento de aprendizagens. Em sua fala destaca que,

*Enquanto psicóloga entendo que os pais precisam estar suficientemente calçados a fim de lançarem-se nos processos educacionais, de cuidado e acolhimento dos filhos, para tal necessitam empreender constantemente visitas a sua própria infância, tarefa que pode “sujar de tinta”. Avançamos muito enquanto profissionais à medida que refletimos sobre o nosso fazer, quando rompemos nossas próprias resistências, o que ocorre é da ordem da humanização. Observar o ser humano como integral e poder promover o encontro de subjetividades é fundamental. Penso que trabalho com fatos simples, quando um ser humano (criança ou adulto) tem a capacidade de dizer ao outro preciso de você, preciso de sua ajuda e o outro estende sua mão, (a peça que falta, a boneca, o lápis de cor) sinto-me mais perto de meu objetivo (relato da Psicóloga do CRAS).*

Durante a entrevista a psicóloga coloca o quanto ela compreende ser necessário que as famílias das crianças também relembrem e falem sobre suas próprias infâncias (tarefa difícil na maioria das vezes, por trazerem consigo marcas, cicatrizes e um grande sofrimento), a fim de refletiram sobre como está sendo a infância de seus filhos. Ainda de acordo com a

psicóloga, em algumas situações é utilizado o “*Depoimento Sem Dano - DSD*”, através do qual a inquirição perante o juiz é substituída pela escuta qualificada realizada por meio de equipe especializada, com profissionais de Psicologia. O “*Depoimento Sem Dano*”, conforme afirma seu autor, o juiz José Antônio Daltoé Cezar, contempla outra forma de inquirição em que se atenderiam três principais objetivos:

Redução do dano durante a produção de provas em processos judiciais, nos quais a criança/adolescente é vítima ou testemunha; - A garantia dos direitos da criança/adolescente, proteção e prevenção de seus direitos, quando, ao ser ouvida, em Juízo, sua palavra é valorizada, bem como sua inquirição respeita sua condição de pessoa em desenvolvimento; - Melhoria na produção da prova produzida”. (CEZAR, 2007, p. 62)

Nesta etapa, o brincar é uma das estratégias para proceder a escuta da criança, a qual é definida pela psicóloga como,

[...] *É uma escuta difícil, mobiliza a gente, às vezes não estamos preparados o suficiente para essa escuta. Procuo respeitar o tempo da criança e a condição dela de se expressar. A gente vai estabelecendo a questão da confiança, explicando que está ali para ajudar, fazendo com que a criança compreenda o porquê está ali, o que está acontecendo, então aos poucos, através de desenhos, brinquedos, jogos a gente percebe as situações que ela vai representando. (Psicóloga).*

Os relatos da psicóloga corroboram para ratificar o entendimento do quanto o brincar para a criança é uma atividade séria e que a constitui enquanto sujeito inserida num determinado contexto histórico e social. Portanto, evidenciamos a importância da brinquedoteca no espaço do CRAS enquanto uma forma de acolhimento e principalmente como uma ação efetiva na busca do estreitamento dos laços familiares, na escuta das crianças e das famílias e na adoção de intervenções planejadas e compartilhadas entre a equipe que atua neste espaço.

#### **5.4 Reflexões a partir da escuta dos sujeitos o contexto pesquisado: o brincar no contexto do CRAS**

No trabalho desenvolvido na brinquedoteca do CRAS, buscamos envolver as crianças e famílias no brincar enquanto estratégia para compartilhar experiências amenizando e elaborando seus medos, dúvidas angústias e alegrias. Buscamos com que a criança se fortaleça sua autoestima muitas vezes reduzida por inúmeros fatos como o histórico familiar, o contexto social (bairro que não é bem visto pela sociedade devido aos inúmeros casos de

drogadição, prostituição, alcoolismo e violência, mas que ao mesmo tempo é cheio de brincadeiras próprias, culturas e diversidades). Logo, as ações pautam-se na perspectiva da criança atuante definida como

[...] é aquela que tem um papel ativo na constituição das relações sociais em que se engaja, não sendo, portanto, passiva na incorporação de papéis e comportamentos sociais. Reconhecê-lo é assumir que ela não é um “adulto em miniatura”, ou alguém que treina para a vida adulta. É entender que, onde quer que esteja, ela interage ativamente com os adultos e as outras crianças, com o mundo, sendo parte importante na consolidação dos papéis que assume e de suas relações. [...] Tendo os desenhos em mãos, o pesquisador pode pedir às crianças que os comentem, ou mesmo que elaborem histórias a seu respeito. Assim, terá em mãos materiais diversos, mas correlacionados, com os quais trabalhar. (COHN 2005, p. 17)

Observei muito essa relação de interação adulto/criança durante esta pesquisa, onde percebi que tanto os adultos como as crianças se entregam a brincadeira, criam, recriam, assumem e modificam papeis, fantasiam, as crianças imitam situações que vivenciam em seu convívio familiar, demonstram traços violentos, medos, revolta e também as alegrias e suas culturas. Entre os pares também acontecem diversos momentos de brincar entre as crianças, e de muito diálogo entre os adultos, troca de experiências e relatos de situações tanto boas quanto ruins. Procuro sempre passar tudo o que observo, as atividades, determinadas brincadeiras e situações para a equipe, onde o olhar passa a ser ainda mais acolhedor e é aí que conseguimos promover a proteção social básica. Consideramos as valiosas contribuições de Sarmiento (2004), principalmente no que se refere às culturas da infância e suas dimensões relacionais, isto é, às interações das crianças e delas com os adultos.

Os serviços oferecidos no CRAS, destacando o SCFV para crianças até 06 anos – Brinquedoteca Sonho Encantado foco deste estudo são de extrema relevância na vida dessas crianças. Durante o estudo que realizei consegui visualizar a relutância de algumas mães em aderir o serviço por não entenderem o quanto poderíamos apoiá-las e fortalece-las, direcionando caminhos mais seguros onde seus direitos seriam respeitados. No entanto, no decorrer do processo de chega até o CRAS, acolhida, inscrição, diálogo com os profissionais, as mães se sentem mais seguras e partes do processo, iniciando assim sua participação e da criança. Aos poucos o brincar vai fazendo com que as mães e crianças se soltem para um momento lúdico e prazeroso, a partir daí as aproximações dos profissionais do CRAS com essas mães, crianças e núcleo familiar tornam-se mais fáceis.

O estudo realizado com base na análise do contexto local e nas leituras, debates e sistematizações produzidas no decorrer do Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil apontaram elementos para que enquanto educadora atuando neste espaço que é a brinquedoteca do CRAS eu pudesse ampliar meus conhecimentos fornecendo subsídios para o

aprimoramento das práticas desenvolvidas. Ao realizar estes movimentos que envolvem a investigação, reflexão e revisão/ reconstrução dos percursos vai ao encontro do que propõe Farias (2007), segundo a qual, enquanto docentes é preciso estarmos constantemente refletindo, interpretando, revisitando, reconstruiremos percursos mais humanos, inventivos, investigativos, inusitados, ousados, felizes, com respiros, criando memória, identidade e cultura pedagógica.

Os dados produzidos a partir da pesquisa socioantropológica e da escuta dos sujeitos que fazem parte da comunidade do CRAS – Santo Augusto forneceram subsídios para a elaboração do plano de intervenção, o qual é flexível e nunca estanque. Neste processo, as crianças e suas respectivas famílias avaliam as ações desenvolvidas, expondo suas percepções acerca das atividades, apresentando sugestões para o aprimoramento das mesmas. Enquanto docente e parte da equipe do CRAS, este processo de escuta nos permite repensar constantemente e redimensionar nossas práticas articulando-as com as teorias, tanto das áreas específicas de cada profissional (psicologia, serviço social) com a área da educação.

Enquanto educadora, ao participar dessas ações envolvendo crianças em situação de vulnerabilidade, gradativamente pude perceber na prática o quanto o brincar é imprescindível neste processo de resgate da autoestima e no fortalecimento de vínculos entre famílias e crianças. A cada brincadeira compartilhada entre adultos e crianças no espaço da brinquedoteca percebo o quanto brincar possibilita o resgate do sorriso, do afeto, da capacidade de se colocar em situações de desafios, expondo e aprendendo a lidar com sentimentos variados. Outro fator a ser evidenciado é o fato de que a escrita deste estudo permitiu a sistematização e a reflexão das práticas realizadas partindo do entendimento de que documentar nossas práticas não é mais uma coisa a fazer, mas é o que nos diferencia e nos torna profissionais das infâncias em diferentes contextos históricos e culturais. Aprender a escutá-las e compreendê-las enquanto sujeitos é o nosso desafio diário, quer seja, no âmbito da escola quanto em outros espaços como no caso do CRAS- Santo Augusto.

## 6. REFLEXÕES FINAIS A PARTIR DO ESTUDO REALIZADO

*Há um menino, há um moleque, morando sempre em meu coração.  
Toda vez que o adulto balança, ele vem para me dar a mão. (Milton Nascimento)*

Observações, vivências, leituras, escutas, reflexões, escrita/reescrita, o caminho que percorri até então no CRAS de Santo Augusto como Orientadora Social não foi e não está sendo nada fácil, assim como não é em nenhuma profissão, principalmente em relação às escutas que fizemos dos relatos das famílias sobre suas situações de vida, dói no corpo e na alma. Para além da profissão ou cargo público exercido, há um ser humano sensível que luta pelos seus direitos e com certeza pelos direitos do seu próximo, luto durante estes cinco anos de efetivo exercício para que o Brincar e o Lúdico seja primordial no acolhimento das crianças e suas famílias e também para que todos os profissionais se envolvam inteiramente nesse brincar compreendendo sua importância. Aos poucos essa luta está sendo conquistada, hoje o brincar já é visto com outro olhar, percebido dentro das políticas públicas no município como estratégia fundamental na acolhida das crianças em situação de vulnerabilidade social.

“As crianças são também seres sociais e, como tais, distribuem-se pelos diversos modos de estratificação social: a classe social, a etnia a que pertencem, a raça, o gênero, a região do globo onde vivem. Os diferentes espaços estruturais diferenciam profundamente as crianças” (SARMENTO, 2004, p.10).

Percebo que as crianças que frequentam a Brinquedoteca do CRAS se sentem pertencentes ao espaço de brincar proporcionado, são seres sociais que exalam cultura do seu grupo, sua etnia, seu bairro e que compartilham isso com os demais. Em alguns momentos as vivências na família dessas crianças ficam evidentes nos olhares, gestos e brincadeiras (construir somente armas com peças de encaixe, por exemplo) das mesmas.

Todos os conhecimentos e aprendizagens que trocamos durante a Especialização em Docência na Educação Infantil foi também primordial durante o percurso desse estudo. Em vários momentos quando estava junto aos grupos na brinquedoteca, me reportava a lembranças das dinâmicas, leituras ou falas das colegas e professoras nas aulas, o que me trazia mais segurança. E sentir-se segura para falar com propriedade sobre o brincar se faz necessário para nos valorizarmos enquanto profissionais da educação e demonstrar nosso comprometimento com as situações de vida dos usuários. Poder mostrar para as famílias que não importa ter dinheiro para comprar brinquedos caros, mas sim, que com materiais inusitados podemos construir os próprios brinquedos e tornar esse momento de construção já um momento de brincar e interagir com seu filho.

Sendo assim, posso concluir este estudo dizendo que a formação docente inicial e continuada é essencial para compreender a importância do brincar, quer seja na atuação em espaço escolar quanto não escolar, como é o caso do CRAS, onde a brinquedoteca poderia ser apenas um espaço de atividades mecanicamente planejadas, mas, não é toda a ação ou encontros realizados são mágicos, cheios de sentido e de muito brincar. E em cada brincar há uma observação, uma escuta e mediação, que são elementos importantíssimos para posteriores planejamentos das ações desenvolvidas pela equipe de profissionais que atuam articulados neste espaço em prol de ações coletivas e compartilhadas.



## REFERENCIAS

ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2ª ed., Rio de Janeiro: Guanabara: 1973. p. 279.

ABRAMOVAY M, CASTRO MG, PINHEIRO LC, LIMA FS, MARTINELLI CC. **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas**. Brasília: UNESCO; 2002.

BRASIL, Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, 2009.

\_\_\_\_\_, Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o **Estatuto da Criança e do Adolescente** e dá outras providencias. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 16 jul. 1990. [www.planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br)

\_\_\_\_\_, **Constituição (1988)**. Constituição da Republica Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1988. Disponível em: [www.planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br)

\_\_\_\_\_, **Parecer nº20/2009**. Dispõe sobre a Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: 2009. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=3748parecer-dcnei-nov-2009&category\\_slug=fevereiro-2010-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=3748parecer-dcnei-nov-2009&category_slug=fevereiro-2010-pdf&Itemid=30192)

\_\_\_\_\_, Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social. **Orientações Técnicas: Centro de Referência de Assistência Social – CRAS**. 1ed. Brasília: 2009.

\_\_\_\_\_, Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Orientações Técnicas: Centro de Referência de Assistência Social – CRAS – 1. ed.** – Brasília: 2015.

\_\_\_\_\_, Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social. Departamento de Proteção Social Básica. **Concepção de Convivência e Fortalecimento de Vínculos**. Brasília: 2015.

\_\_\_\_\_, Lei nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993. Dispõe sobre a **organização da Assistência Social e dá outras providências**. BRASIL/Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS). Política Nacional de Assistência Social (PNAS).

\_\_\_\_\_, Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social. **Resolução n. 145/2004-CNAS**, de 15 de outubro de 2004. Publicado no DOU de 28 de outubro de 2004.

\_\_\_\_\_, Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social. **Guia de orientação técnica SUAS Nº 1** proteção social básica da assistência social. Brasília, 2005.

\_\_\_\_\_, **Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para Crianças de até 06 anos e suas famílias**. Departamento de proteção social básica. Brasília - fevereiro de 2010.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. HORN, Maria da Graça Souza. **Projetos pedagógicos na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BARBOSA; RICHTER, Sandra Regina S. **Os bebês interrogam o currículo: as múltiplas linguagens na creche**. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 17. 2009, Campinas. Anais. Campinas: 2009 (texto digitado).

BENJAMIN, Walter. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2009 (2ª edição).

CEZAR, José Antônio Daltoé. **Depoimento sem dano: uma alternativa para inquirir crianças e adolescentes nos processos judiciais**. Porto Alegre: Livraria do Advogado Editora, 2007.

COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.; 60 p. 2005.

CORSARO, William. **Reprodução interpretativa e cultura de pares em crianças**. Trabalho apresentado no seminário internacional de educação infantil: Reprodução interpretativa e cultura de pares, Porto Alegre, 2007.

\_\_\_\_\_, W. **We're friends, right?: inside kid's cultures**. Washington, DC: Joseph Henry, 2003.

CUNHA, N. H. S. **Brinquedoteca: um mergulho no brincar**. 4. ed. São Paulo: Aquariana, 2010.

DEMARTINI, P. **Contribuições da sociologia da infância: focando o olhar**. Florianópolis: Revista Zero-a-seis. 2001. Disponível em: <http://www.ced.ufsc.br/~zeroseis/artigos6.html>. Acesso em 09/04/2016.

FARIA, Ana Lúcia Goulart. **Loris Malaguzzi e os direitos das crianças pequenas**. In: FORMOSINHO, Julia Oliveira, KISHIMOTO, Tizuko Morchida e PINAZZ, Mônica Appezato. **Pedagogia (s) da Infância: dialogando com o passado construindo o futuro**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

GOLDSCHMIED, Elionor; JACKSON, Sonia. **Educação de 0 a 3 anos: o atendimento em creche**. Porto Alegre: Artemed, 2006.

KRAMER, Sonia. (coordenadora) **Com a pré-escola nas mãos**. 14 ed. São Paulo, SP: Editora Ática, 2005.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Brinquedos e brincadeiras na educação infantil**. ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais. Belo Horizonte, novembro de 2010.

KUHLMANN, Moysés Jr. **Infância e educação infantil: uma abordagem histórica**. Porto Alegre: Mediação, 2010.

MEIRELLES, Renata. **Território do brincar: diálogo com escolas**. São Paulo: Instituto Alana, 2015.

MINAYO, M.C.S. **Ciência técnica e arte: o desafio da pesquisa social**. In: MINAYO, M.C.S.; (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 18ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994, p. 9-29.

MOYLES, J. **A pedagogia do brincar.** Revista Pátio Educação Infantil, ano VII, n. 21, nov. – dez. 2009, p. 18-21.

\_\_\_\_\_, **Só brincar? O papel do brincar na educação infantil.** Trad. Maria Adriana Veronese.- Porto Alegre: Artmed, 2002.

OSTETTO, Luciana Esmeralda (org.) **Encontros e Encantamentos da Educação Infantil: Partilhando experiências de Estágios.** 5 ed. Campinas. Papirus 2000.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança.** 3º ed. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1973.

PINTO, M. & SARMENTO, M. J. (Org.). **As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando campos.** In: As crianças: contexto e identidades. Braga, Portugal: Centro de Estudos da Criança, 1997.

PINTO, M.; SARMENTO, M.J. (Coord.). **As crianças: contextos e identidades.** Braga: Centro de Estudos da Criança, Universidade do Minho, 1997.

ROUSSEAU, Jean-Jcques. **Emilio ou da educação.** 3ª ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

SARMENTO, M. J. **As Culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade.** In: SARMENTO, M. J.; CERISARA, A. B. Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação. Porto: Asa, 2004.

\_\_\_\_\_, Manuel Jacinto. **Visibilidade social e estudo da infância.** In: VASCONCELOS, V.M.R.; SARMENTO, M.J. (Org.). Infância (in) visível. Araraquara: J&M Martins, 2007.

\_\_\_\_\_, Manuel Jacinto. **Crianças: educação, cultura e cidadania ativa.** Refletindo em torno de uma proposta de trabalho. Perspectiva, Florianópolis, v. 23, n. 01, p. 17-40, jan./jul. 2005.

SIERRA VM, MESQUITA WA. **Vulnerabilidades e fatores de risco na vida de crianças e adolescentes.** São Paulo em Perspec 2006; 20: 148 -55.

SOUZA, S.J e KRAMER,S. **"O debate Piaget/Vygotsky e as políticas educacionais"** in Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n° 77, maio 1991, p 69-80.

SPOSITO, M. P. **Trajetórias na construção de políticas públicas de juventude no Brasil.** In: PAPA, Fernanda de Carvalho (Org.). Políticas públicas: juventude em pauta. São Paulo: Cortez: Ação Educativa Assessoria, pesquisa e informação. Fundação Friedrich, 2003, p. 57-75.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

WINNICOTT, D. W. **A criança e o seu mundo.** 6 ed. Rio de Janeiro: LTC- Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1982.

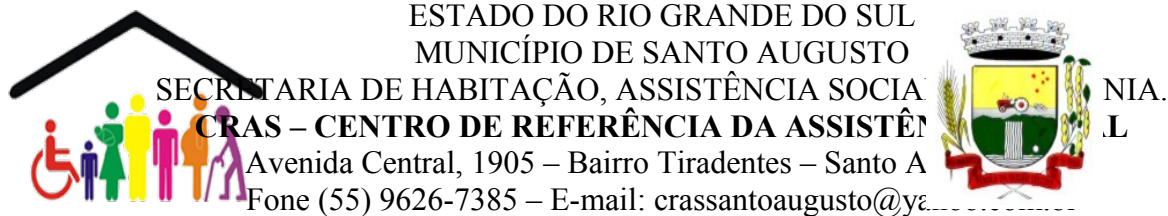
ZAGO, Nadir. **A entrevista e seu processo de construção: Reflexões com base na experiência prática de pesquisa.** In: ZAGO. Nadir; CARVALHO, Marília Pinto de; VILELA, Rita Amélia Teixeira. (Orgs). Itinerários de Pesquisa: Perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

<http://www.desenvolvimentosocial.sp.gov.br/portal.php/assistenciabasica> Acessado em 16 de abril de 2016.

<http://www.planalto.gov.br/ccivil03/constituicao/constituicaocompilado.htm> Acessado em 28 de junho de 2016.

## ANEXOS

### Anexo 01



### Roteiro para o reconhecimento e diagnóstico Sócio Territorial das famílias e/ou indivíduos que residem no território de abrangência do CRAS de Santo Augusto - RS

**1. Identificação:**

Bairro: \_\_\_\_\_

Rua: \_\_\_\_\_ Nº \_\_\_\_\_

Responsável Familiar: \_\_\_\_\_

**2. Quem mora na residência?**

Nº	NOME	IDADE
01		
02		
03		
04		
05		
06		
07		

**3. Questões sociais a serem verificadas:**

( )Alcoolismo \_\_\_\_\_ ( )Drogas \_\_\_\_\_ ( )Desemprego \_\_\_\_\_

( )Violência Doméstica \_\_\_\_\_ ( )Outros \_\_\_\_\_

**4. Vivências no Bairro (História da família, há quanto tempo reside no bairro, crenças-fé, lazer...):**

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**5. Como você vê o CRAS no território? ( ) Já participa ( ) Não participa ( ) Quer participar**

---

---

**6. Quem são as lideranças do Bairro?**

---

---

**Assinatura do profissional responsável**

**Santo Augusto, \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2016.**

## Anexo 02



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL  
MUNICÍPIO DE SANTO AUGUSTO  
SECRETARIA DE HABITAÇÃO, ASSISTÊNCIA SOCIAL E  
CRAS – CENTRO DE REFERÊNCIA DA ASSISTÊNCIA SOCIAL  
Avenida Central, 1905 – Bairro Tiradentes – Santo Augusto  
Fone (55) 9626-7385 – E-mail: crassantoaugusto@yahoo



**Roteiro para o reconhecimento e diagnóstico Sócio Territorial dos estabelecimentos (Comércio/Saúde/Educação/Igrejas) no território de abrangência do CRAS de Santo Augusto – RS**

1. Identificação:

Nome do Estabelecimento: \_\_\_\_\_

Nome do responsável pelo estabelecimento: \_\_\_\_\_

Bairro: \_\_\_\_\_

Rua: \_\_\_\_\_ N° \_\_\_\_\_

2. Finalidade do estabelecimento: \_\_\_\_\_

3. Horário de funcionamento do estabelecimento: \_\_\_\_\_

4. Quem frequenta este estabelecimento? \_\_\_\_\_

5. Número de membros do estabelecimento: \_\_\_\_\_

6. Há quanto tempo funciona este estabelecimento no Bairro? \_\_\_\_\_

7. Quais atividades são desenvolvidas neste estabelecimento?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

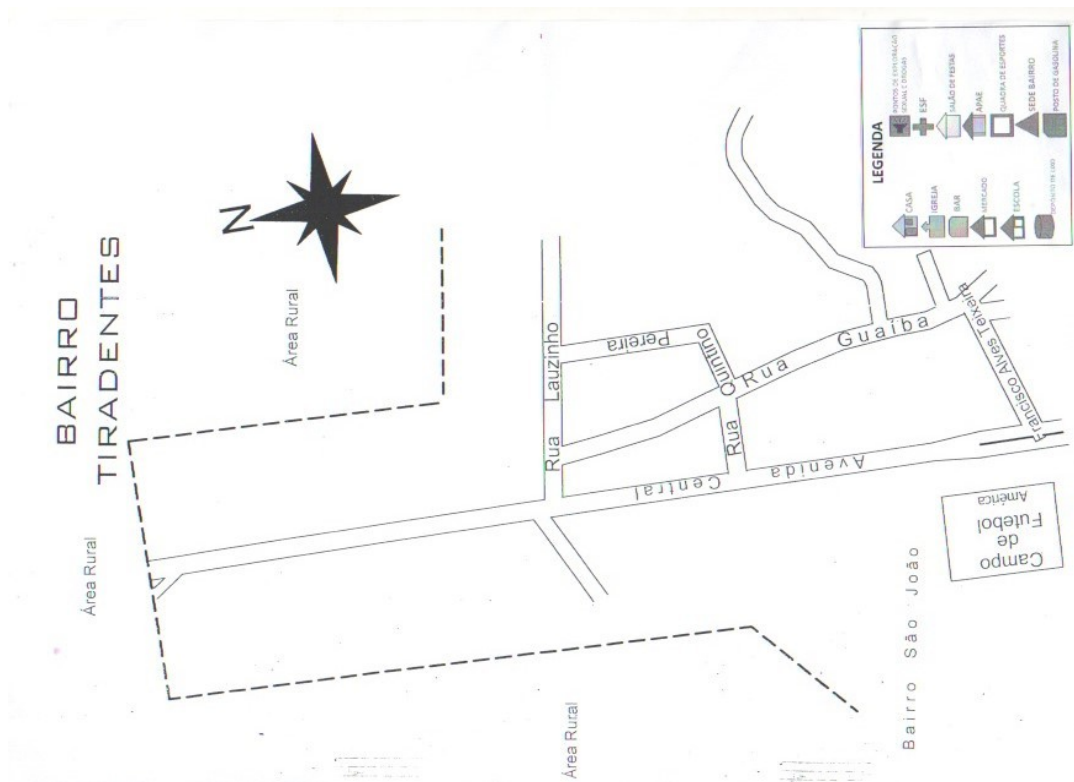
OBS: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
**Assinatura do Profissional Responsável**

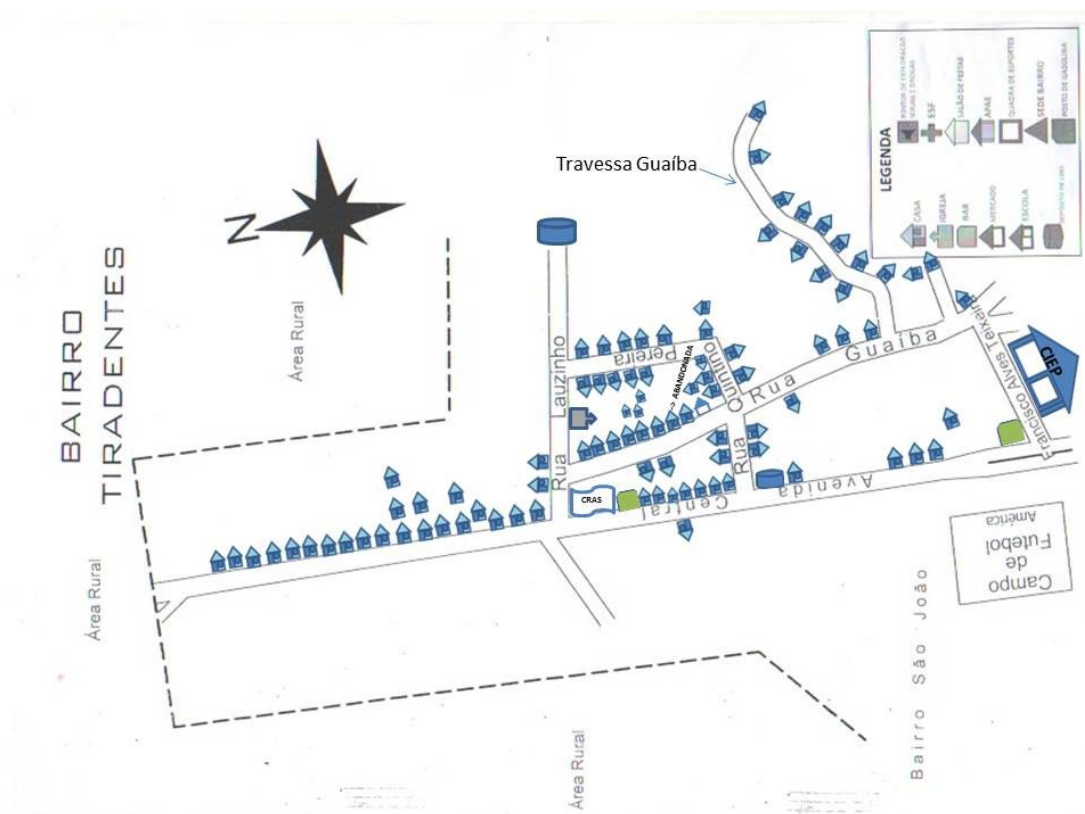


Santo Augusto, \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2016

**ANEXO 03** (Mapa do Bairro Tiradentes antes do mapeamento):



**ANEXO 04** (Mapa do Barro Tiradentes depois do mapeamento):



## ANEXO 05



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL  
MUNICÍPIO DE SANTO AUGUSTO  
SECRETARIA DE HABITAÇÃO, ASSISTÊNCIA SOCIAL E  
CRAS – CENTRO DE REFERÊNCIA DA ASSISTÊNCIA SOCIAL  
Avenida Central, 1905 – Bairro Tiradentes – Santo Augusto  
Fone (55) 9626-7385 – E-mail: crassantoaugusto@yahoo.com.br



## Plano de Intervenção

<b>DATA:</b>
<b>LOCAL:</b>
<b>NOME DO PROFISSIONAL RESPONSÁVEL:</b>
<b>SERVIÇO/PROGRAMA:</b>
<b>HORÁRIO:</b>

<b>OBJETIVO DA INTERVENÇÃO:</b>

<b>TEMÁTICA PROPOSTA PARA INTERVENÇÃO:</b>
--------------------------------------------

--

**METODOLOGIA/ INSTRUMENTAIS TÉCNICOS OPERATIVOS:**

--

**AVALIAÇÃO DO PROFISSIONAL:**

--

**AVALIAÇÃO DO USUÁRIO:**

--

**REFERÊNCIAS TEÓRICOS:**

--